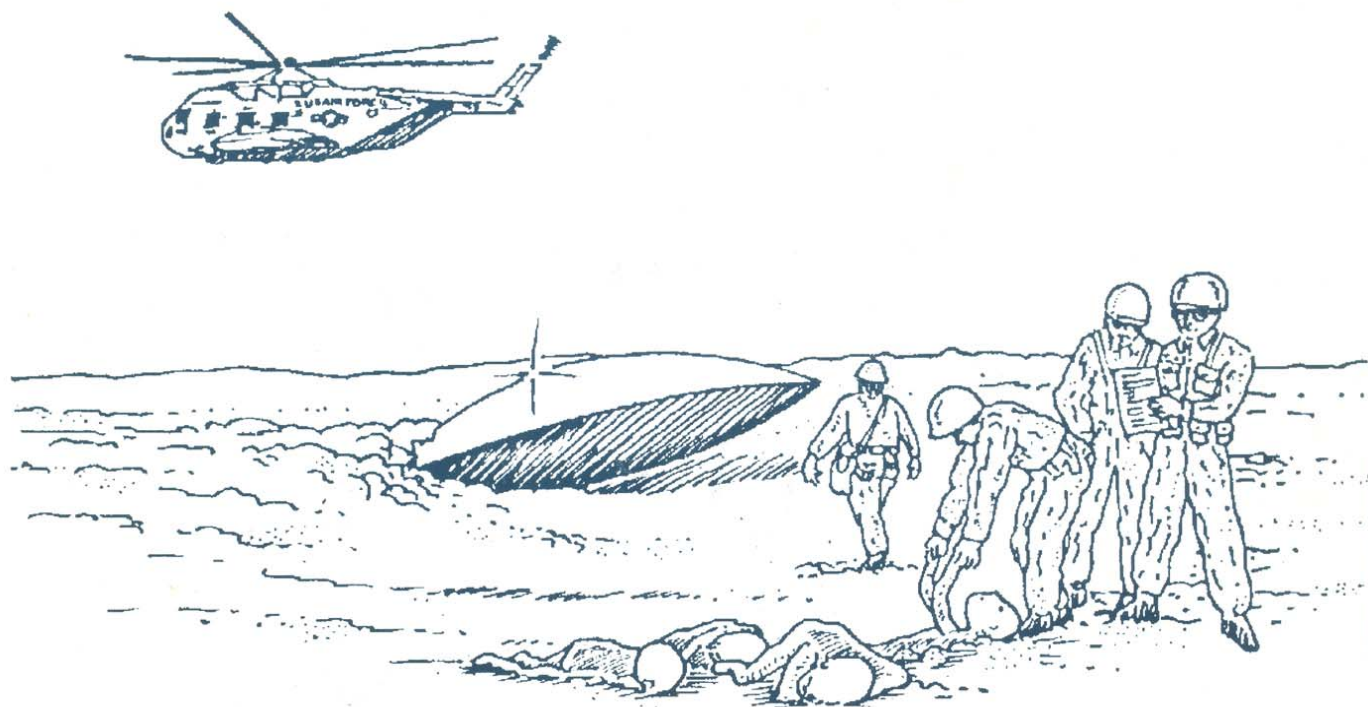


# Acidentes de UFOs e resgates de tripulantes

Relatório final sobre os principais acidentes com naves extraplanetárias em nosso planeta, o resgate de seus ocupantes e o acobertamento oficial dos fatos.



Jorge Luiz de Almeida

William L Moore,  
Fair Witness Project (EUA)

**COLEÇÃO BIBLIOTECA UFO 6**

CB-06

# COLEÇÃO BIBLIOTECA UFO

*Textos científicos especializados na problemática dos discos voadores*

**Editor:**

A. J. Gevaerd

**Consultores:**

Ademar Eugênio de Mello,  
Luiz Gonzaga Scortecci Paula,  
Irene Granchi, Ubirajara Rodrigues,  
Jean Alencar, Claudeir Covo,  
Daniel Rebisso Giese, Roberto Beck,  
José Victor Soares, Lucio Manfredi,  
Rafael e Romio Cury, Marco Antonio  
Petit, Reginaldo de Athayde,  
Antonio Faleiro, Monica B. Batello  
Jaçãõ, Ney Matiel Pires, Walter Bühler,  
Arismaris B. Dias, Ernesto Bojo,  
Maria do Socorro Borges, Alberto  
Romero, Orlando Souza Barbosa Jr.,  
Gerson M. Britto, Belkiss Pontes,  
Flávio Leal, Flávio Pereira,  
Luciano Stancka e Silva.

**Produção e administração:**

Redação: Equipe UFO  
Desktop Publishing: A. J. Gevaerd  
Fotolitos: Executivo Fotolitos  
Impressão: Sergraph Ltda.  
Assinaturas: Luciene Cesário  
Materiais: Nandra Garcia Gibim

**Circulação:**

A circulação desta publicação é feita exclusivamente através de marketing direto

**Responsabilidade:**



**Centro  
Brasileiro  
de Pesquisas  
de Discos Voadores**

Caixa Postal 2182,  
R. Bezerra de Menezes, 68  
79008-970 Campo Grande (MS),  
Fone (067) 384-3921,  
Brasil.

CGC 16024895/0001-34  
Insc. Est. 28248804-9  
ISSN de UFO 0103-7153

*Este documento foi produzido para dar suporte ao trabalho de divulgação da questão dos objetos voadores não identificados (OVNIs ou UFOs) desenvolvido pelo Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV), através de seu veículo oficial e única revista brasileira especializada no assunto:*

Revista

# UFO

*É expressamente proibida a reprodução desta obra, ou parte dela, sem autorização escrita do editor. Permite-se, excepcionalmente, a extração de um máximo de 300 palavras deste documento para fins bibliográficos, sem a autorização pertinente.*

© Copyright solicitado 1993

**Número 06 - 1ª Edição: setembro 93 - Tiragem: 1.000 exemplares**

# ACIDENTES DE UFOs E RESGATES DE TRIPULANTES

*Relatório sobre os principais acidentes com naves extraplanetárias em nosso planeta, o restate de seus ocupantes e o acobertamento oficial dos fatos.*

**William L. Moore**

*Diretor do Fair Witness Project, de Los Angeles, correspondente do Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV) nos EUA e co-autor do livro O Incidente em Roswell.*

---

## INTRODUÇÃO

### A NATUREZA DA PROVA

*"No nebuloso mundo do que é conhecido vagamente como Ufologia, há literalmente centenas de histórias de aterrissagens forçadas de UFOs onde destroços e corpos de ETs são removidos pelas Forças Armadas e desaparecem por completo".* Afirmações de operações do tipo 'acima de ultra-secreto', maciço acobertamento pelos governos e toda espécie de ações camufladas contra pesquisadores que 'chegaram perto demais da verdade' abundam. A intenção deste trabalho é lançar um pouco de luz nesta confusão ao apresentar fatos pertinentes, resultantes de profundas investigações sobre dois destes casos mais destacados.

Um único evento, seja ele comum como o roubo de um banco ou bastante incomum quanto a aterrissagem forçada de um UFO, ocorre muito raramente. Como não há meios voltarmos no tempo para mostrar aos céticos e curiosos o evento acontecendo, por assim dizer, o único método que temos no momento para descobrir o que realmente ocorreu é contar com a memória dos que viveram tais experiências, se ainda estiverem vivos. Seus relatos, unidos a qualquer prova física que possa ser descoberta em sua sustentação (impressões digitais ou a própria arma do crime, por exemplo) podem assim ser entrelaçados e constituir uma 'prova além da dúvida' numa corte de Justiça. Esta prova, legítima ou jornalística, é bem diferente do que se constitui como evidência aceitável, num sentido verdadeiramente científico. Em ciência, as recordações das testemunhas estão em segundo plano para o pesquisador recriar ou demonstrar um determinado efeito ou princípio em laboratório, sob condições rigidamente controladas.

No caso de uma alegada aterrissagem forçada de um UFO, obviamente o fato não pode ser recriado num laboratório. E quando corpos e pedaços dos destroços permanecem inacessíveis ao público, qualquer investigador que tentar provar o caso ver-se-á diante de um enorme desafio: apresentar prova suficiente, tanto em quantidade como em qualidade, para sobrepor-se ao ceticismo natural causado pela natureza bem incomum do próprio evento. Tudo isso cai no velho mas freqüentemente repetido conceito de que insólitas evidências são necessárias para provar insólitos acontecimentos. Neste aspecto, não é necessário dizer que a queda de um UFO e a subsequente recuperação de seus restos e dos corpos de seus ocupantes pelo governo é um acontecimento singular. Este trabalho faz de

você, leitor, juiz e jurado. Agora, examine as provas apresentadas e tome sua decisão quanto a crer o não no que será apresentado.

Desde o final dos anos 40, tem havido insistentes rumores dando conta de que um ou mais UFOs aterrissaram ou caíram em algum lugar dos Estados Unidos, geralmente no sudoeste. A incapacidade dos pesquisadores em chegar a fundo estas histórias é geralmente atribuída a um bem orquestrado plano de acobertamento por parte do governo, estimulado por razões de segurança nacional e pelo medo do pânico geral, caso a verdade venha à tona. O resultado disso é uma persistente inquietação no campo ufológico, as vezes beirando a paranóia, no sentido de que algo definitivamente está 'ocorrendo', mas a um nível bem além da habilidade mediana do pesquisador em conseguir dominá-lo. Em tal situação, geralmente são as forças sinistras do segredo e do acobertamento - unidas numa perversa aliança com um pequeno grupo de incomodados céticos - que se insurgem contra os ufólogos. No fogo cruzado de ataques e contra-ataques, acusações e insinuações vêm logo atrás da frustração, e a busca pela verdade sobre UFOs acidentados é, infelizmente, quase sempre relegada à uma posição secundária. Até pior é o fato de que os poucos que realmente tentam realizar uma profunda investigação destas histórias descubrem, com frequência e grande desapontamento, que seus maiores críticos são os próprios personagens que deveriam dar-lhes apoio. Entretanto, a procura continua.

Entre os principais pesquisadores de acidentes com UFOs está o escritor Leonard Stringfield, de Cincinnati, Ohio, que acumulou uma impressionante lista de dezenas de tais narrativas, de todas as partes dos Estados Unidos e de vários países (1). Seu fantástico trabalho tem sido útil até mesmo inspirador para outros pesquisadores mas, no fim das contas, falha em apresentar uma consistência verdadeiramente significativa de provas em apoio de seus relatos. Parte do problema situa-se em sua decisão de reter fatos específicos, tais como nomes, datas e lugares, que possibilitariam averiguações independentes de tais afirmações por outros investigadores e, talvez, o acréscimo de mais dados ao que ele já obteve. Mesmo assim, Stringfield tem conseguido permanecer acima do problema da credibilidade que aflige tantos outros pesquisadores que, ou por falta de habilidade em fornecer dados significativos, ou por puro zelo, infelizmente acham melhor inventar ou deturpar grosseiramente fatos para fazerem seus estudos parecerem mais importantes do que realmente são (tais pessoas terão seus nomes omitidos neste trabalho, afim evitarmos desnecessárias ações judiciais).

De qualquer forma, dos numerosos boatos, histórias e puras invenções que compõem o mundo da Ufologia, dois casos são suficientemente interessantes para merecerem consideração aqui: o primeiro é o suposto incidente de Roswell, de julho de 1947; o segundo é a alegada queda de um UFO em Aztec, no Novo México, em 1948 (ou 49), que se tornou famoso pelo livro de Frank Scully, *Behind the Flying Saucers*, editado em 1950. No fim das contas, ambos revelarão ter implicações muito mais amplas do que poderia parecer a princípio. Neste aspecto, achamos aconselhável que, antes de prosseguir, o leitor leia o livro de Scully [Editor: o livro ainda não foi publicado no Brasil, mas uma parte dele está incluída na obra histórica do comandante Auripebo Berrance Simões, *Os Discos Voadores*, que pode ser encontrada em sebos das principais cidades brasileiras].

---

## **SURGEM OS BOATOS E FATOS**

### **O CASO AZTEC, NOVO MÉXICO**

A principal fonte de informação sobre este caso é o próprio Scully que, no final dos anos 40 e início dos 50, era colunista do *Weekly Variety*, de Hollywood. Em seu bestseller de 1950, ele alegava que havia ocorrido a descida de quatro espaçonaves na Terra, anos antes, e que três destas haviam se acidentado gravemente, de onde foram retirados nada menos que 34 corpos de 'pequeno homens' medindo entre 0,9 e 1 metro de altura (2). Scully, cujo estilo inclina-se mais para o sensacionalismo do que para o real, dedica apenas alguns comentários a dois destes acidentes e devota a maior parte do tempo ao que ele descreve como "o primeiro UFO a descer na Terra, encontrado a leste de Aztec, no Novo México,

*num alto platô rochoso. Esta nave estava quase intacta, com apenas uma portinhola quebrada e através da qual foi possível descobrir os corpos de 16 aliens em seu interior". Segundo o resto da história, o objeto tinha cerca de 30 metros de diâmetro, com todas suas outras dimensões baseadas num sistema matemático quase perfeito.*

Scully afirmou ter recebido estas informações de um certo Silas M. Newton, descrito por ele como um milionário do petróleo, e de um sócio deste, identificado apenas como Dr. Gee, que seria um proeminente cientista e estudioso do magnetismo e que teria uma série de títulos acadêmicos. A publicação do livro causou um alvoroço e tanto na ocasião, ainda que logo tornou-se evidente que sua história baseava-se unicamente em informações fornecidas por Newton e o tal Dr. Gee, misturadas a um grande volume de especulações e um apanhado de rumores e fofocas provenientes de variadas e questionáveis fontes. Scully, soube-se mais tarde, escreveu o livro em apenas 72 dias e correu para imprimí-lo após realizar sozinho uma investigação apenas superficial do caso. Dois anos mais tarde, em 1952, Scully e seus dois informantes (o Dr. Gee acabou sendo identificado como Leo A. GeBauer) ficaram bastante desacreditados nos EUA devido à uma matéria publicada no periódico *True*, de autoria de J. P. Cahn, um antigo repórter-pesquisador do *Chronicle*, de São Francisco.

Segundo Cahn, tanto Newton quanto GeBauer eram experientes trapaceiros, cujas atividades envolviam até um aparelho do tipo 'vara mágica', que diziam ser capaz de localizar petróleo no subsolo por meio de microondas. Como resultado das revelações de Cahn, Newton e GeBauer foram levados ao tribunal em Denver, no mesmo ano, e acusados de extorquir um acerto Herman Flader em mais de 75 mil dólares. Embora Scully sustentasse o todo tempo que sua história era verdadeira e que os dois eram pessoas honradas, sua reputação sofreu consideravelmente em razão disto - e para muitas pessoas o assunto de acidentes de UFOs morreu junto. Entretanto, estas histórias têm um meio de se recusar a morrer... Mesmo após uma segunda revelação de Cahn, também no *True*, em 1955, ainda havia pessoas que insistiam na batida fraude do petróleo, mas que nada tinham a ver com a história relacionada aos UFOs - que não seria necessariamente uma fraude. Muita gente considerava que deveria, afinal, haver alguma verdade numa história como aquela. Scully, em seu livro autobiográfico *In Armour Bright* (3), continuava a sustentar sua crença na realidade dos 'homenzinhos' extraterrestres, e Newton, que morreu em Los Angeles em 1972, ainda contava o caso a quem quisesse ouvir.

No entanto, aquela fantástica narrativa ainda circulava entre os pesquisadores e foi ressuscitada com algumas mudanças, em 1974, por um tal Robert Spencer Carr, de Clearwater, Flórida, que conseguiu manchetes de jornal naquele ano ao sustentar um profundo conhecimento das circunstâncias do fato. Mas, estranhamente, nenhum pesquisador fez qualquer esforço significativo em checá-las até sua conclusão final. Isto até por volta de 1980, quando William Steinman, de La Mirada, Califórnia (4), interessou-se pelo assunto e começou a investigá-lo com a devida profundidade. Steinman é um pesquisador persistente que é conhecido por seus excelentes trabalhos. Não tivesse ele reaberto o caso, esta pesquisa nunca teria sido realizada. Entretanto, ele cometeu um erro: o de acreditar na história de Aztec incondicionalmente e, como consequência, dirigiu suas investigações do ponto de vista de um crédulo. Era (e continua sendo) sua opinião que nada deva ser publicado a respeito do caso, a menos que venha a corroborar seu ponto de vista. Fatos em contrário devem ser ignorados ou suprimidos, o que é muito ruim. A pesquisa deve ser realizada com uma mente aberta, deixando-se as evidências seguirem seu curso.

---

## **ANÁLISE DE UM CASO**

### **OS PERSONAGENS DE AZTEC**

As evidências deste caso são com frequência extremamente confusas. Há considerável sobreposição de datas, pessoas e acontecimentos envolvidos, assim como 'pontos brancos' onde a lógica torna-se a única ponte na ausência de testemunho ou prova documental. E ainda há a questão de saber se há alguma verdade no relato de Scully-Newton-GeBauer

sobre a queda de um UFO em Aztec, ou em qualquer outro local, o que depende, em última análise, da credibilidade das pessoas envolvidas e das circunstâncias que possam vir a ser reveladas. Na verdade, a história da queda do UFO em Aztec começou em algum momento durante o verão de 1949, data que pudemos descobrir com maior precisão. A pessoa-chave no caso era Silas Mason Newton que, ainda que não tenha criado toda a história sozinho, foi grandemente responsável pela disseminação da lenda que continua até hoje. O que torna o problema mais confuso é que, ao longo do processo, ele acrescentou uma considerável variedade de 'maquiagens' à sua história, afim de apresentar um relato mais agradável para quem quer quisesse ouvi-lo. Newton era o tipo ideal de pessoa para ser evitado por qualquer um que tivesse dinheiro no bolso...

Nascido em Shelbyville, Kentucky, em 1º de julho de 1890, Newton era filho de um trabalhador na construção de ferrovias que, pela natureza do seu trabalho, vivia se mudando constantemente (5). Passou grande parte da sua juventude no Texas, onde frequentou a Baylor University, mas graduou-se em Yale, em 1910. Em 1911, casou-se com Patrícia Morfa, divorciando-se vários anos mais tarde, quando mudou-se para Nova York e tornou-se um corretor de ações e imóveis consideravelmente bem sucedido, especializando-se em regiões de petróleo e gás. Seus negócios, embora lucrativos, ficaram prejudicados devido a uma crescente sucessão de transações questionáveis (6). Newton vivia como milionário e granjeou considerável reputação como campeão amador de golfe. Em 30 de outubro de 1930 (?), casou-se com Nan O'Reilly, uma rica e bem conhecida editora, autora e colunista do *Evening Journal*, que morreu em 27 de fevereiro de 1937. Durante os seis anos de casamento, tanto ela como Newton conseguiram uma péssima reputação por envolvimento em atividades duvidosas de toda espécie. Até a morte da esposa, Newton já havia sido preso quatro vezes, além de ser procurado no Kansas e estar constantemente envolvido com inúmeras ações judiciais.

Na ocasião de sua morte, em dezembro de 1972, havia mais de 140 demandas judiciais contra ele, originadas de pessoas que reclamavam ter emprestado dinheiro para que explorasse várias concessões de mineração e petróleo. Em 1970, por exemplo, foi indiciado em Los Angeles por duas acusações de roubo (9). De qualquer forma, Newton era um envolvente mestre na arte de usar métodos persuasivos (10), um mentiroso patológico e um trapaceiro consumado. Possuía grande capacidade para encontrar potenciais financiadores de suas falcatruas e dizer-lhes justamente o que queriam ouvir - o que geralmente era uma história fantástica de riqueza que perdurava apenas o tempo suficiente para ganhar-lhes a confiança e esvaziar-lhes os bolsos. Naturalmente, tinha livre trânsito em vários setores, como resultado de sua proeza no golfe em clubes de campo, e servia-se da alta sociedade e do mundo das finanças com tranquilidade. Basicamente, este é o homem que Frank Scully veio a conhecer em 1944. Em 1949, quando Newton começou a falar sobre UFOs acidentados, Scully já tinha caído em sua rede e confiava totalmente nele - embora não se saiba se Scully chegou a conhecer os antecedentes e o modo de agir de Newton. A manipulação de Scully por Newton, aparentemente, tinha razões sociais, não financeiras.

---

## **RADIOGRAFIA DE UMA FRAUDE**

### **MANIPULAÇÃO DE DADOS E PESSOAS**

Ainda em 1949, o assunto UFO já não era estranho para Newton. Seu interesse originou-se de um avistamento que ele próprio teve em 1947, enquanto fazia prospecção de petróleo no Wyoming e que o levou a perseguir o assunto onde fosse possível, em jornais, revistas etc. Mesmo assim, ainda não se falava em acidentes de UFOs e 'homenzinhos verdes', até ele ter conhecido um certo Leo Arnould Julius GeBauer através de um amigo comum no verão de 1949. GeBauer era da espécie de sujeito infeliz e facilmente manipulável por uma boa conversa e tentadoras promessas - exatamente o tipo de pessoa que Newton sabia tão bem usar. Transações fraudulentas não eram estranhas para

GeBauer, embora, quando comparado a Newton, ele definitivamente vinha num distante segundo lugar. Nos planos de Newton, GeBauer tinha tudo para se tornar um famoso cientista do governo, cuja reputação poderia ser usada em benefício de ambos, naturalmente. Nascido no Nebraska, em 25 de fevereiro de 1901 (11), era uma espécie de perito em eletrônica, numa época em que as pessoas aprendiam tais coisas muito mais por conta própria do que através da educação formal. O termo inventor seria mais adequado para ele do que cientista. Quando conheceu Newton, já era bem conhecido do FBI, cujos arquivos registravam nada menos do que 11 alcunhas sob seu nome (12).

Em agosto de 1938, GeBauer foi objeto de uma investigação federal por violação da Lei de Escravas Brancas, mas as acusações foram rejeitadas pelo procurador da República devido a falta de circunstâncias agravantes. Em 1941, uma extensiva investigação foi realizada em sua vida, sob alegação de que GeBauer era pró-nazista. Numerosas declarações anti-americanas foram creditadas a ele, entre elas a de que *"o sujeito que atirasse no presidente Roosevelt deveria receber uma medalha de ouro"*, e a de que *"o que este país precisa é de alguém como Hitler"* etc. Embora não tenha sido preso, esta investigação resultou em sua dispensa, em 31 de agosto de 1942, do posto de operador civil de rádio do Corpo de Sinais dos Estados Unidos, em Chicago. Ele havia sido contratado para o cargo em 8 de maio de 1942. Em 6 de novembro do mesmo ano, GeBauer foi então preso em Omaha por agentes federais, com uma ordem de prisão de Tucson, Arizona. Condenado a um ano de cadeia, em 24 de fevereiro de 1944, não tinha direito de recorrer da decisão mas teve a sentença suspensa, e cumpriu a pena em liberdade condicional.

Foi durante este mesmo período que GeBauer foi trabalhar para a Air Research Manufacturing Company, de Phoenix, como engenheiro de testes e encarregado da manutenção do equipamento nos laboratórios da empresa. Ele trabalhou de janeiro de 1944 até novembro de 1947, quando saiu para se dedicar à uma empresa caseira de componentes de rádio (e mais tarde de TV) conhecida como Western Radio & Engineering, que havia fundado em janeiro de 1945. Durante o tempo que trabalhou na Air Research, não teve acesso a informações de segurança e nem participou de nenhum projeto secreto. Sua função era estritamente limitada a manutenção do maquinário. De acordo com a Sra. Louise F. GeBauer, viúva de Leo (ele morreu em 1982), seu envolvimento com UFOs começou em 1949, quando conheceu Newton (13). *"Foi Newton quem inventou as histórias de quedas de UFO em Aztec e em toda parte, e preparou a armadilha na qual GeBauer não mais conseguiu sair"*, declarou. GeBauer, um especulador astuto de inteligência apenas mediana (além de um tanto inexperiente), tornou-se um fantoche indefeso nas mãos do envolvente, um personagem desembaraçado e bastante inteligente como Newton (14). Também envolvido nesta ocasião estava um certo George Koehler, um convincente vendedor de anúncios para a estação de rádio KMYR, de Denver, e amigo de Newton e de um tal Herman Flader, rico industrial e inventor local.

---

## **PETRÓLEO E UFOs**

### **A EXTENSÃO DA FARSA**

GeBauer havia inventado um aparelho eletrônico, que segundo afirmava, era capaz de detectar tanto petróleo como água no subsolo. O princípio, dizia, era baseado no fato de que grandes depósitos de ambos os líquidos romperiam a corrente natural das linhas de força magnéticas da Terra. Estas disrupções podiam facilmente ser detectadas medindo-se o magnetismo da Terra em determinados pontos e registrando-se as medidas num gráfico. A máquina era conhecida como "vara rdomântica" e era capaz também de avaliar o estado de saúde de uma pessoa usando os mesmos princípios. Para acrescentar credibilidade às suas teorias e às habilidades do invento, GeBauer sempre exagerava em suas credenciais acadêmicas e seus conhecimentos, afirmando-se como cientista governamental durante a guerra. Em uma ocasião, apresentando-se como 'doutor', reivindicou nada menos que sete títulos acadêmicos em Física e Eletrônica (15). Também afirmava frequentemente encabeçar inúmeros projetos ultra-secretos

de pesquisa (16). Naturalmente, como pode se ver, o cenário todo era sob medida para alguém como Newton, que não via outra coisa senão a oportunidade de fazer dinheiro fácil.

Em março de 1949, GeBauer foi apresentado a Flader através, que também tinha inventado um aparelho eletrônico que acreditava ser benéfico no tratamento de artrite e estava interessado na máquina do GeBauer. Embora estivesse um pouco cético, a princípio, convenceu-se de sua capacidade após GeBauer ter conseguido medir com precisão a profundidade de vários poços de água que Flader havia recentemente mandado abrir em sua propriedade. Aparentemente, nunca ocorreu a Flader que GeBauer podia ter descoberto as medidas dos poços de antemão ao perguntar ao pessoal que fez o trabalho... O resultado de sua união foi uma parceria meio-a-meio entre os dois que ficou conhecida como Colorado Geophysics Incorporation e foi legalmente constituída em maio de 1950. O início foi promissor: Flader colocou a maior parte de seu dinheiro para comprar metade da participação em mais três aparelhos, e GeBauer conseguiu encontrar meios para gastar o dinheiro tão logo entrasse. Quase todos os clientes da empresa eram amigos de Flader que o conheciam e nele confiavam há muitos anos (17).

Enquanto isso, em abril de 1949, Flader foi apresentado a Newton por um conhecido de ambos, George Koehler, que sabia de seu invento para tratamento de artrite e achou que Newton, que sofria da doença, pudesse estar interessado.

Foi através de Flader que Newton conheceu GeBauer e, dentro de um mês, ambos já eram grandes amigos. Newton, percebendo que havia topado em algo excepcional e que GeBauer podia ser facilmente manipulado, logo assumiu o controle dos acontecimentos. Em outubro, os dois já tinham tirado de Flader mais de 20 mil dólares (18), mas entre eles ainda não havia rumores de UFOs - até agosto 1949. A partir daí, Newton passou a tocar no assunto sistematicamente. De alguma forma, ocorreu-lhe que este tema poderia valorizar as máquinas de GeBauer, especialmente ao insinuar que elas provavelmente operavam com os mesmos princípios magnéticos das naves extraterrestres. Malandragem pura. Mas a partir daí, até cair nas histórias de UFOs acidentados e uso de tecnologia de seres extraterrestres, havia apenas uma pequena distância.

Uma distância realmente muito curta e que logo seria transposta, com Newton criando histórias que relacionassem os acidentes com as varas. Mas de onde Newton tirou esta idéia absurda? Segundo as melhores evidências disponíveis, ela veio do mesmo lugar de têm vindo tantos outros contos fantásticos no decorrer dos anos: a imaginação de mentes desocupadas. Newton tinha uma propensão para contar grandes mentiras de tal forma que conseguia se fazer crer. Era também, de acordo com a Sra. GeBauer, um perito consumado em mascarar situações e condições existenciais com intuito de fazê-las mais promissoras do que realmente eram. E, naturalmente, suas hábeis manipulações e exageros estavam destinados a acentuar sua própria posição em relação a qualquer plano fraudulento que estivesse preparando. Assim era em relação a Frank Scully, que haveria de tornar-se um ingênuo e inconsciente joguete em ainda outros esquemas sinuosos de Newton, criados afim de ajustar a situação em seu próprio benefício. O que Newton precisava era publicidade ou qualquer coisa que colocasse seu nome e reputação (sic) - uma imagem cultivada e cultuada cuidadosamente, que Scully tinha sido condicionado a acreditar ser a verdadeira.

---

## **COMO TUDO ACONTECEU**

### **A CRONOLOGIA DA FARSA**

Scully era perfeito: um escritor confiável de certa reputação, que tinha uma coluna num jornal conceituado (o *Variety*) e que era lido por todo mundo em Hollywood, terra do fascínio onde fortunas eram (e ainda são) com frequência investidas imprudentemente em toda espécie de negócios. Newton, que conhecia Scully desde 1944, sabia que ele não checaria os fatos. Também sabia que GeBauer poderia ser apresentado a Hollywood como um importante e bem credenciado cientista do governo sem que ninguém desconfiasse. Se alguém dissesse que nunca tinha ouvido falar em Dr. Gee, ele simplesmente diria que, em razão da natureza de seu trabalho ser altamente secreta, tudo havia sido mantido na maior discrição possível. De qualquer



maneira, Newton inteligentemente misturou vários fatos à história de UFOs acidentados que disse a Scully e, com inúmeras variações e para muitas pessoas. A seguir, damos a cronologia dos acontecimentos:

- ❑ **Verão de 1948** - Newton leva Scully em longas viagens através do Wyoming, Colorado e Califórnia (20). Os dois vêm a se conhecer melhor com Newton falando quase todo o tempo. Por volta de 15 de agosto de 1948, Scully, Newton e três outros partem numa viagem de prospecção para o Mojave, onde Newton supostamente usa um de seus próprios aparelhos para procurar ouro (21). Scully fica impressionado.
- ❑ **Março de 1949** - GeBauer conhece Herman Flader, que conhece Newton através de George Koehler, um amigo comum. Em fim de junho, Newton conhece GeBauer, com os dois tornando-se rapidamente amigos. A amizade é particularmente do interesse de ambos no uso potencial dos aparelhos eletrônicos para localização de petróleo e de depósitos de minérios.
- ❑ **Início de agosto de 1949** - Newton envia GeBauer à Aztec, Novo México, para examinar algumas áreas petrolíferas em um profundo desfiladeiro a leste da cidade (muito provavelmente Hart Canyon) para conversar com algumas pessoas da região e fazer uma demonstração do seu invento (22). De acordo com a Sra. GeBauer, esta foi a única vez que ela e seu marido foram à Aztec, e somente para prestar um favor a Newton.
- ❑ **15 de agosto de 1949** - Newton ao voltar de Denver, encontra-se com GeBauer em Phoenix para discutir o resultado da viagem à Aztec. Os UFOs estavam consideravelmente em evidência na ocasião e muito provavelmente foi discutido pelos dois. Depois partiram de Phoenix para Los Angeles passando por Las Vegas, Death Valley (Vale da Morte) e Mojave, Califórnia, onde Newton queria verificar os preparativos para a perfuração de um poço de teste e mostrar a GeBauer algumas áreas de mineração por lá.
- ❑ **Fim de agosto de 1949** - (Notícia publicada em jornal da época) Dois garimpeiros do deserto, identificados apenas como Fitzgerald e Garney supostamente observaram um UFO rodopiar fora de controle e chocar-se contra uma duna de areia em algum lugar do Vale da Morte (23). Os pilotos da nave, dois diminutos bípedes, saíram do aparelho em pânico e rapidamente desapareceram de vista, conseguindo confundir os garimpeiros que os perseguiram. Ao abandonarem a perseguição e retornarem ao local do acidente para inspecionar o objeto, descobriram que este havia levantado vôo novamente e desaparecido sem deixar vestígios. Parece não haver dúvidas de que ou Newton leu ou ouviu a história na viagem pelo Mojave, como veremos depois.
- ❑ **Início de setembro de 1949** - Newton e Scully se encontram. Scully informa que Newton tinha acabado de chegar do Arizona e que estava quase decidido a perfurar alguns poços de teste no Deserto do Mojave (24). Newton parecia bastante agitado e finalmente contou um segredo a seu sócio: havia conversado no dia anterior com alguns cientistas que foram convocados pelas Forças Armadas para examinar um UFO retido na área de Aztec, Novo México (25). Scully, obviamente interessado, pede permissão para se encontrar com alguns destes cientistas.
- ❑ **8 de setembro de 1949** - Scully, Newton e um amigo, Pevernell Marley, partem em outra expedição ao Mojave. GeBauer os acompanha e é apresentado como Dr. Gee, com adequada maquiagem de credenciais e qualificações de geofísico reputado como o maior perito em pesquisa do magnetismo dos EUA (26).

Porque GeBauer seguiu Newton nesta história de UFOs acidentados nunca ficou claro, exceto pelo fato de que Newton esteve no controle da situação do princípio ao fim e que GeBauer era o tipo de pessoa que podia ser facilmente manipulado com qualquer coisa que cheirasse a dinheiro. De qualquer forma, segundo os registros do FBI, *"os três mais tarde concordaram em publicar a história de GeBauer, mas devido a sua conexão com o caso, ele seria identificado apenas como Dr. Gee"* (27). Scully, por outro lado, estava completamente iludido e, como já foi mostrado, levou apenas 72 dias para escrever o livro (28). Não há evidências que indiquem que tenha mesmo se dado ao trabalho de procurar averiguar algumas das informações que os dois lhe passaram - um grave erro que mais tarde causou considerável dano à sua reputação. Enquanto isso, em Hollywood, ainda outra trama estava sendo urdida (ao que parece, Newton não estava conectado diretamente à ela, mas não hesitou em aderir assim que soube de sua existência).

---

## FILMES E UFOS

### A FARSA HOLLYWOODIANA

Em alguma ocasião no inverno de 1948-49, o ator de filmes de categoria B, Mikel Conrad (29), teve a idéia de um filme de ficção científica enquanto fazia a *thriller* *Artic Manhunt* (da United Artists), no Alaska. Ao retornar a Hollywood, ele e dois outros atores menos conhecidos, Howard I. Young e Morris Wein, formaram a Colonial Productions, uma pequena companhia produtora independente fundada unicamente com o propósito de explorar a idéia de Conrad: fazer um filme que se chamaria *The Secret of the Flying Saucers* (mais tarde abreviado para apenas *The Flying Saucers*). Conrad seria nada menos que o produtor, diretor, roteirista e astro principal da fita, que resumidamente centrava-se num agente americano que é enviado ao Alaska para descobrir a origem dos UFOs e acaba encontrando soviéticos e um engenho vindo do espaço... A fim de suscitar interesse por seu projeto, Conrad começa a espalhar uma série de boatos em Hollywood, a partir de agosto de 1949, dando conta de que o filme mostraria tomadas nítidas de um UFO de verdade (30). Finalmente, em 13 de setembro, no mesmo dia em que a filmagem programada para ser realizada em 28 dias tinha o seu início no Hal Boach Studios, Conrad, numa entrevista coletiva, afirmou que havia de fato encontrado um UFO e filmado "*o objeto pousando, levantando vôo, voando e fazendo evoluções, e que não era feito em miniatura ou por truque de fotografia*".

A história, publicada pela UPI, fez manchetes em todo o país (31). Estas, por sua vez, despertaram o interesse da Força Aérea, que imediatamente se lançou numa investigação para saber exatamente que espécie de filme era aquele (32). Conrad, despercebido das investigações e destemidamente, continuava a aumentar os rumores iniciais, que nada mais eram do que parte de seu plano para gerar grande publicidade gratuita. Newton e Scully prestaram bem atenção aos desdobramentos, com Scully inclusive fazendo referências a eles em sua coluna no *Weekly Variety* de 12 de outubro de 1949. Afim de não ser superado por meros boatos, Scully gabava-se de estar a par de todo o assunto referente aos UFOs acidentados (33), e ainda insistia em narrar ao seu fiel público o conto de Newton-GeBauer. Uma verdadeira briga de foice. No dia seguinte, 13 de outubro, Ezra Goodman, comentou o filme numa coluna do *The Daily News*, citou a declaração de Conrad que havia filmado o UFO com a cooperação das autoridades governamentais e que tinha em seu poder 80 metros de filme feito em Juneau - "e que tudo é ultra-secreto", enfatizaria a colunista.

Assolado por uma verdadeira tempestade de pedidos exigindo provas, mais do que haviam sido dadas por seus agentes de publicidade Jules Fox e Jo Brooks, Conrad respondeu a todos, na sexta-feira, 14 de outubro, introduzindo na balbúrdia um tal William McKnight - supostamente um agente do FBI mas, na realidade, um ator contratado por Conrad para representar o papel. McKnight calmamente confirmou toda a história a Fox, Brooks e a vários repórteres também presentes (incluindo um certo Sr. Bahn, editor do *Film Daily*), que Conrad de fato possuía o filme de um UFO capturado pelo governo, que o FBI havia examinado o material e dito ser verdadeiro. Mais ainda, disse que tudo estava bem guardado num cofre seguríssimo, apenas esperando autorização oficial para se proceder a uma competente divulgação. O desempenho foi bom, mas não o suficiente. Fox, Brooks e Bahn, após considerarem a questão durante o fim de semana, decidiram realizar uma investigação para saber se McKnight era de fato um agente do FBI ou, se não, quem ele era realmente (34).

O resultado foi que Conrad recebeu a visita, alguns dias depois, do agente especial James B. Shiley, do Escritório de Investigação Científica (OSI). Percebendo que estava num beco-sem-saida, Conrad convidou Shiley para uma exibição especial do filme em 26 de outubro, quando confessou toda a farsa. Vejamos o que diz o relatório de Shiley (35):

"Após a exibição do filme, Conrad disse que o UFO era invenção sua e que ele havia criado toda a história para fazer publicidade de filme. Ele admitiu que a observação local e a filmagem do UFO em vários estágios de vôo e manobras não existiam... Conrad desculpou-se pelo episódio e

disse sentir muito ter enganado a USAF. Admitiu que o artigo era somente para aumentar o interesse do filme que viria e pediu que a USAF não informasse a nenhum repórter ou qualquer outra pessoa que estivesse investigando o caso que tudo não passava de farsa. Ele foi informado que o OSI não faria isso".

No dia seguinte, 27 de outubro, Fox e Brooks divulgaram uma nota anunciando que haviam se demitidos como agentes de publicidade de Conrad (36). Isso bastou para que Newton tomasse o barco quase afundado de Conrad e aproveitasse para tentar ganhar dinheiro. Newton, que não tinha meios de saber da confissão de Conrad ao OSI, continuou a construir sua própria (e de GeBauer) história para Scully, enquanto, ao mesmo tempo, não se constrangia em repeti-la com leves alterações a qualquer um que estivesse interessado. A tática era acentuada pelo enxerto de informações adicionais, sejam inventadas por ele ou criadas por cuidadosas manipulações de material já publicado na imprensa, afim de ajustarem-nos aos seus propósitos. Por exemplo, sua própria versão do relato dos garimpeiros do Vale da Morte, inteligentemente trabalhada, foi transmitida com aura de segredo a Scully, para fazê-lo crer que Newton a tinha realmente recebida dos protagonista, diretamente. Para tornar a narrativa ainda mais fantástica, Newton mudou o nome local onde a nave foi vista para "...algum ponto perto de Phoenix, Arizona", segundo ele, enquanto os garimpeiros passaram a ser "...cientistas que haviam detectado a presença do UFO com sofisticados instrumentos..."

Entretanto, a história básica é a mesma, no tocante ao contato ocorrido no Vale da Morte. Scully, totalmente crédulo, reeditou-a em uma segunda coluna do *Weekly Variety* de 23 de novembro de 1949 (37). "As naves", afirmava ele, "*parecem ter vindo de Venus*". No dia seguinte, Newton misturou os dois artigos de Scully com a farsa de Conrad e mais alguns de seus truques, num esforço para ganhar a confiança do conhecido ator Bruce Cabot (de King Kong e outros filmes) no aristocrático Lakeside Country Club, em Toluca Lake, North Hollywood, e fazê-lo colocar uma grande quantia em dinheiro em seus negócios de petróleo. Para Newton, Cabot era apenas mais outra vítima (quantos indivíduos endinheirados foram abordados por ele desta forma é desconhecido, mas conhecendo-se seu modo de agir ao longo dos anos, sugere-se um grande número (38)). De qualquer modo, Cabot suspeitou dele e contactou o FBI, que passou o caso para o OSI em 1º de dezembro daquele ano, o que resultou no seguinte relato (39):

"Na tarde de 24 de novembro passado, Bruce Cabot, ator de cinema, por telefone informou a esta agência que encontrou-se com um tal Silas Newton e ouviu deste declarações de que possuía um receptor magnético proveniente de um UFO que tinha recentemente caído no Novo México. Newton, que dizia trabalhar na atividade petrolífera, portava o aparelho na ocasião, e Cabot o descreveu como tendo cerca de 18 x 5 x 5 cm. Além disso, declarou a Cabot que ele e um cientista não mencionado estavam usando o receptor para descobrir jazidas de petróleo no subsolo. Afirmou ainda que vários UFOs haviam recentemente caído no Novo México, Arizona e Maine. Disse também que havia pequenos homens nas naves e que possuía pedaços de suas roupas. Por fim, sustentava ter fragmentos também de metal do mecanismo das espaçonaves".

---

## **O CARTEL DO CINEMA SE ENVOLVE A SEMENTE, UMA VEZ PLANTADA...**

Newton informou a Cabot que os estúdios de Metro Goldwyn-Mayer estavam fazendo um filme secreto que poderia muito bem estar relacionado com o tema dos UFOs, uma vez que toda a história viria ao conhecimento do público de qualquer maneira. Scully, Cabot, Howard Hill, Pevernell Marley e tantos outros com quem Newton conversou em Hollywood formam, entretanto, apenas parte do quadro. A questão principal agora para os investigadores de incidentes desta natureza é que ele contou sua história com variações diversas para ajustá-las a cada ouvido em particular. E muitas destas pessoas a passaram adiante livremente, sem identificar a fonte original e ainda retratando Newton (e GeBauer) como de inquestionável respeitabilidade. A história, agora de 3 mãos e trabalhada convenientemente, enganou milhares de pessoas daí para frente. Perguntamo-nos quantos dos centenas de relatos de UFOs acidentados que circulam hoje (e citados ou repetidos por Leonard Stringfield e outros pesquisadores) tiveram origem nas maquinações de Scully-Newton-GeBauer há

quatro décadas atrás? Muitas destas, devido ao grande distanciamento da fonte original, com o passar do tempo e a morte ou paradeiro desconhecido das pessoas cujo depoimento seriam necessárias para identificar sua origem, são simplesmente impenetráveis becos-sem-saída hoje e, por isso, servem apenas para aumentar a confusão. Um caso em particular nos dá um excelente exemplo de tal situação(40).

Em algum momento entre setembro ou outubro de 1949, Newton começou a contar as histórias de quedas de UFOs ao seu amigo íntimo George Koehler. O relato a Koehler dava conta de que um objeto havia caído nos arredores de um local onde se instalou um radar de alta potência na fronteira do Novo México com o Arizona, e que os aliens mortos tinham todos cerca de 90 cm de altura, usavam roupas metálicas sem roupa de baixo (em vez disso, tinham os corpos envolvidos em faixas). Vamos analisar esta história: (a) a localização do radar de alta potência entre o Novo México e o Arizona; (b) os seres terem 90 cm de altura; (c) usarem roupa metálica; e (d) terem seus corpos enfaixados. Koehler, que evidentemente acreditava cegamente em Newton, repetiu a história no início de outubro de 1949 a vários amigos, incluindo Morley F. Davies, representante da empresa Walter J. Trompsom em Denver. Davies, por sua vez, passou-a pelo menos a dois amigos, Jack M. Murphy e I. L. van Horn, ambos de uma agência local da Ford Motor.

Em meados de dezembro, Murphy e van Horn narraram o caso, agora de 4ª mão, ao revendedor de carros Rudy Fick, de Kansas City. Este contou-a (5ª mão) ao editor do *Wyandotte Echo*, um jornal semanal de Kansas City. Na narrativa, o nome Koehler era agora Coulter, e o número de espaçonaves nas mãos do governo federal era de cerca de 50, as quais estavam sob investigação no Departamento de Pesquisa dos EUA, em Los Angeles. Quem conta um conto... Os informes sobre a localização do radar de alta potência entre o Novo México e Arizona continuavam na história, bem como os alegados 90 cm de altura dos ETs e o tipo de suas roupas. Fick insinuou que o próprio 'Coulter' tinha de fato visto o UFO. O relato atribuído a Fick, seus amigos em Denver e, por fim, a 'Coulter' apareceu na edição de 6 de janeiro de 1950 do *Wyandotte Echo* - e daí para frente foi divulgada por vários outros jornais em todo o país. Isto atraiu o interesse do FBI e do OSI, que começaram a investigar a situação como um complemento ao caso já em andamento de Mikel Conrad (41).

No início de março, uma sucessão completa de comunicações relacionadas ao assunto tinha sido passada entre o quartel-general do OSI em Washington e várias unidades de campo. Uma das comunicações, datada de 14 de março de 1950 (42), afirmava que a conversa de Newton com Cabot em 24 de novembro de 1949 tinha sido testemunhada por um comentarista da rádio local KFI (cujo nome foi oficialmente omitido) que, num programa matinal, anunciou que uma pessoa em Hollywood havia declarado ter informações sobre os UFOs e que "...a conversa aconteceu durante uma rodada de bebidas no 19º buraco de um clube de golfe. A narrativa melhorava a cada gole". O OSI tentou interrogar Newton na ocasião, porém sem sucesso, uma vez que ele tinha aparentemente ido para o Wyoming logo depois. De qualquer forma, um dos agentes na sede do OSI em Washington passou a história de Fick, agora de 7ª mão, ao agente especial Guy Hotel, um de seus contatos no escritório do FBI na capital. Hotel, por sua vez, em 1950 enviou um memorando sobre o caso ao próprio J. Edgar Hoover, diretor do FBI.

---

## **DESINFORMAÇÃO**

### **DOCUMENTOS EM VÃO?**

O documento de Hotel repetia o relato (agora de 8ª mão), mas ainda retendo seus quatro pontos principais, exceto por omitir que o local do radar de alta potência seria na fronteira com o Arizona. Permaneciam os seres de 90 cm de altura com roupa metálica e corpos envolvidos em faixas - e esses pontos têm sido citados repetidamente por toda uma plêiade de pesquisadores como prova definitiva de que o governo tem a posse de um UFO. Se qualquer um deles tivesse se dado ao trabalho de verificar a questão antes de tirar conclusões apressadas, veria que o memorando é absolutamente inútil, uma vez que a origem das informações citadas pode ser atribuída ao próprio Silas M. Newton. Para que não haja dúvidas sobre qual memorando estamos falando, aproveitamos para reproduzi-lo abaixo, integralmente:

**"Para:** diretor do FBI.

**De:** Guy Hotel, Agente Especial, Washington

**Assunto:** Informações concernentes aos UFOs

A seguinte informação foi fornecida ao agente especial (...) por (...). Um investigador da Força Aérea afirmou que três dos tão chamados discos voadores foram recuperados no Novo México. Foram descritos como tendo formato circular, com a parte central elevada e aproximadamente 10 metros de diâmetro. Em cada objeto foram encontrados três corpos com formas humanas, mas de apenas 90 cm de altura. Estamos usando roupas metálicas de uma textura muito fina. Cada corpo estava enfaixado numa maneira similar aos trajes especiais usados por pilotos de jato e de teste. De acordo com o Sr. (...), os UFOs foram achado no Novo México em razão de lá estar situada a estrutura de um radar de alta potência do governo, que acredita-se interferir no mecanismo de controle das naves. Não foi tentada análise adicional pelo agente especial com relação ao exposto acima".

Ainda outro exemplo de um caso atribuível diretamente a Newton Scully é o citado por Leonard Stringfield em sua reportagem de 1982, *UFO Crash/Retrievals: Amassing the Evidence, Status Report III* [Editor: publicado em Ufologia Nacional & Internacional, precursora de UFO]. Rotulando a matéria como Caso A-4, Stringfield atribui a história a um certo capitão Virgil A. Postlethwait, outrora servindo na 82ª Divisão Aerotransportada, quem ele descreve como um possuidor de boas credenciais. A seguir apresentamos o relato de Postlethwait segundo Stringfield:

"Como capitão na G-2 Air, Postlethwait foi autorizado a ver uma mensagem ultra-secreta enviada por teletipo, segundo se recorda, do quartel-general do 3º Exército, em Atlanta. Dirigida ao Comando Geral do G-2, o documento descrevia a queda de um engenho em forma de disco com 9 metros de diâmetro, 2,80 metros de altura e com uma janela frontal quebrada, o que aparentemente causou o sufocamento dos cinco tripulantes. Entre outros itens citados, segundo Postlethwait, os corpos, que tornaram-se azuis depois do sufocamento, tinham cerca de 40 cm de altura e cabeças maiores em relação ao corpo, para o padrões humanos. Postlethwait disse também que a camada metálica da nave era fina como folha de jornal, mas bastante resistente para impedir sua penetração por ferramentas convencionais..."

---

## **CONTRA-INFORMAÇÃO** **MENTIRAS E DESMENTIDOS**

Postlethwait disse que toda a história, além do que tinha ouvido na base, foi publicada na edição de 1948 da revista *Coronet*. Disse ainda que quando a matéria saiu as autoridades confiscaram todas as edições no escritório da revista, além da maioria dos exemplares que chegaram às bancas. Apenas algumas sobreviveram ao confisco, uma das quais Postlethwait viu anos atrás... Infelizmente, nem Postlethwait, nem sua história parecem ser dignos de crédito. Após investigação detalhada, descobrimos que o tal militar usa o nome de Virgil Armstrong e era convidado freqüente do programa de entrevistas de Bill Jenkins, Open Mind, na rádio KABC, de Los Angeles. As boas credenciais que Stringfield enalteceu incluem repetidas afirmações de haver pessoalmente visitado bases alienígenas submarinas no Triângulo das Bermudas. Além disso, Postlethwait afirmava ter organizado visitas públicas a lugares de pouso de UFOs no Deserto do Mojave, cobrando até mais 15 dólares dos incautos curiosos. Com relação a revista *Coronet*, se Stringfield tivesse investigado melhor teria descoberto que em nenhuma de suas edições foi publicada tal história (44). Havia, no entanto, uma revista de nome *Pageant*, que era publicada na

mesma época e bastante parecida com a Coronet, tanto em tamanho quanto em formato e conteúdo. Curiosamente, a *Pageant* dava destaque a uma versão resumida de livro de Scully, *Behind the Flying Saucers*, em sua edição de outubro de 1950, incluindo as informações sobre a janela quebrada e a camada que recobria a nave ser bastante resistente...

Para sabermos se houve mesmo a queda de um UFO em Aztec, no Novo México, o tiro de misericórdia é dado por uma investigação da área e de seus habitantes. Aztec é uma pequena cidade com população de cerca de 5.500 pessoas, fincada no extremo noroeste do Novo México, perto da "região dos quatro cantos" onde Novo México, Arizona, Colorado e Utah se encontram. A cidade é uma comunidade bastante unida e muitos dos seus moradores estão lá há muito tempo. Se tivesse havido qualquer ocorrência deste tipo na região, é razoável presumir que os mais antigos saberiam a respeito - como no caso da suposta queda de um UFO em Roswell, cidade cujos habitantes têm fornecido toda espécie de informação possível. Os esforços para localizar as testemunhas do evento na área de Aztec, entretanto, têm sido totalmente inúteis. Enquanto há moradores que se recordam de rumores de um acidente na área, não se pode atribuir confiabilidade a ninguém antes da publicação dos artigos de Scully, em 1949 (45). Realmente, vários deles tornaram-se interessados no caso e, com o passar dos anos, fizeram suas próprias investigações, por exemplo:

- ❑ **O xerife de Aztec, Dan Sullivan**, foi entrevistado por Coral Lorenzen, da Aerial Phenomena Research Organization (APRO), em 1974 (46). De acordo com a Sra. Lorenzen, Sullivan, cujo pai tinha sido sherife antes dele, passou um tempo considerável investigando a história e não conseguiu descobrir absolutamente nada que indicasse haver alguma verdade nela. Além disso, seu pai não se recorda de qualquer acidente com aeronaves na área, ou qualquer outra coisa que sustente tal boato.
- ❑ **Bruce Sullivan, irmão de Dan**, cursava a escola secundária em Aztec na ocasião e viveu lá toda sua vida. Ele não sabe nada de tal incidente, nem se recorda de seu pai alguma vez ter feito qualquer referência a tal assunto (47).
- ❑ **O morador de Aztec e homem de negócios Lyle McWilliams**, que tinha 30 anos em 1948-49, disse a Sra. Lorenzen que não se lembra de nada sobre o incidente, a não ser o fato inicial de que ele foi tomado como uma brincadeira (48). Marguerite Knowlten mora próximo a Hart Canyon desde 1946. Ela também não se recorda de qualquer ocorrência que possa corroborar tal história (49).
- ❑ **George Bowra, ex-proprietário do jornal de Aztec**, mora na cidade desde 1905, dirigiu o periódico durante 44 anos e diz ter conversado com mais de 100 pessoas, entre vaqueiros, índios, rancheiros e policiais, sobre o assunto. Mas nunca encontrou uma única pessoa sequer que pudesse relatar qualquer acontecimento deste tipo ou mesmo de manobras militares (50).
- ❑ **Não há registros ou mesmo referência de tal evento** seja no *Review* de Aztec, jornal local, no *Daily News* da vizinha Farmington ou até no *Post* de Denver, que é assinado por muitos moradores locais. Devi Yager, repórter do *Daily News*, averiguou o caso em janeiro de 1982 e também concluiu que tudo não passou de um embuste (51). Mas entrevistou, no entanto, um certo H. F. Thatcher que mencionou um acidente com um avião militar perto de Fruitland, Novo México, a cerca de 40 km a oeste de Aztec, em 1948. Thatcher é da opinião de que o subsequente alvoroço e recuperação dos restos do aparelho deram origem às histórias de quedas de UFOs.

---

## **POEIRA AO VENTO**

### **FALTA DE PROVAS ARQUIVA O ASSUNTO**

Assim termina, exceto por alguns comentários, a primeira parte deste trabalho. Estes, embora irrelevantes, são apresentados apenas com objetivo informativo. Se houve a queda de um UFO perto de Aztec, Novo México, em 1948 ou 49, conforme relatado por Scully, os indícios estão aí para o leitor decidir. A farsa de Scully-Newton-GeBauer continuou até

outubro de 1952, quando, como já foi visto, tanto Newton quanto GeBauer foram indiciados pelo Tribunal do distrito de Denver por duas acusações de fraudes. Após 32 dias de julgamento, no final de 1957, ambos foram condenados mas tiveram as sentenças suspensas. Newton escapou do caso quase incólume e continuou a se envolver numa impressionante lista de questionáveis procedimentos. Em 7 de fevereiro de 1955, por exemplo, menos de um ano após ter recebido liberdade condicional no caso Flader, estava de volta ao Tribunal em Denver para responder a outras acusações de falsificação de ações. Seus deslizes continuaram até sua morte, em dezembro de 1972. Leo GeBauer perdeu seus negócios em Phoenix após o indiciamento em Denver, mas continuou a morar lá até 1967 quando, importunado por uma série de processos concentrados em torno de transações imobiliárias duvidosas, mudou-se do Colorado. Morreu no final de 1962, segundo sua esposa, com 81 anos de idade.

Frank Scully morreu na Califórnia em 1964, aos 72 anos. Defendeu Newton até o fim como uma pessoa honrada mas apanhada numa trama de 'infelizes circunstâncias'. Sua esposa, Alice, ainda vive até a data desta obra e está decidida a defender a integridade e honestidade do ex-marido. J. F. Cahn, autor das duas revelações sobre Newton e GeBauer para a revista *True*, ainda mora na Califórnia. Foi localizado e entrevistado por este autor em julho de 1980. George Koehler, o único participante direto do caso Newton-Scully ainda vivo, mora em São Francisco. Exceto pela afirmação de que tudo o que veio a saber sobre os UFOs foi por intermédio de Newton, Koehler tem se recusado firmemente a ser entrevistado a respeito. O defensor de Adamski, Richard Ogden, num documento publicado confidencialmente (52) oferece sua conclusão de que o Dr. Gee de Scully não é outro senão o cientista de Denver, Dr. Carl August Heiland, que morreu em 1956. Improvável. Dado a manipulação, Newton certamente usou o nome de Heiland sempre que achasse conveniente (53), e toda vez que pressentisse poder tirar algum proveito daí.

Mesmo assim, não há absolutamente qualquer prova que possa indicar que o Dr. Heiland fosse realmente o Dr. Gee, ou que Newton tenha estado alguma vez associado a ele de algum modo, além do que já foi exposto. As alegações de Ogden, ao parece, são baseadas unicamente no fato de que Heiland era um respeitável cientista do magnetismo, com sólida formação geofísica e técnica em exploração petrolífera. O curioso é Scully recusou-se a negar que Heiland era o Dr. Gee quando isto lhe foi indagado numa carta que lhe remetemos. A propósito, investigações adicionais sobre as atividades do Dr. Heiland apresentaram evidências de que ele de fato esteve envolvido na promoção e venda de um aparelho para descobrir petróleo ou para a medição de abalos sísmicos, de sua própria fabricação. Foi isso o que possivelmente serviu tanto como modelo e inspiração para o infame invento de Newton-GeBauer.

Como adendo final à esta parte do presente trabalho, cumpre-nos acrescentar que há também uma bem conhecida história de acidente e resgate de UFO no México, em 1949, que tornou-se famosa através de um tal Roy Dimmick, de Glendale, Califórnia. Possivelmente, segundo constatamos, também neste caso Newton usou de expedientes como os acima. O material concernente a Silas M. Newton e UFOs acidentados que aparece no livro recentemente publicado pelo Dr. Berthold Schwartz, *UFO Dynamics* (54), revela-se grandemente duvidoso uma vez que sua fonte foi essencialmente o próprio Newton. Já a publicação, no outono de 1987, do volumoso livro *UFO Crash at Aztec* tem gerado uma nova controvérsia sobre o que, para todos os efeitos, deveria ser um assunto encerrado. Seu principal autor (o livro foi escrito em co-autoria com Wendelle C. Stevens), William Steinman, é um frustrado que alegremente concluiu, por volta de 1981, "...que deve ter ocorrido a queda de um UFO em Aztec". Para ele, indícios, boatos, alusões, invenções e fantasias têm um mesmo peso na hora de inventar verdades. Os leitores são convidados a verificar e confirmar tudo isso por si mesmos. Talvez o *UFO Crash at Aztec* seja melhor caracterizado pelas palavras do editor assistente da revista *Fate*, quando tomou conhecimento da situação: "...se você acreditar no está no livro, então é melhor fazer um profundo exame interior".

---

## SEGUNDA PARTE

### O FANTASTICO CASO ROSWELL

A segunda parte deste trabalho trata de um caso similar, ainda que inteiramente diferente: o suposto incidente de Roswell, ocorrido em julho de 1947. Enquanto tanto fatos relacionados a Aztec e Roswell têm estado sob exaustiva investigação há décadas, as diferenças entre estes casos tornam-se aparentes quando as evidências são apresentadas. Em Aztec, os indícios sugerem fortemente uma farsa, enquanto que em Roswell a conclusão é totalmente oposta. Para a história de Aztec, acima, aconselha-se que o leitor rigoroso consulte as matérias anteriormente publicadas a respeito, para que obtenha conhecimentos e perspectivas apropriados. É assim que a pesquisa apresentada aqui poderá ser entendida integralmente. Recomendamos, em particular, a obras *O Incidente em Roswell*, deste autor em parceria com Charles Berlitz (Editora Record). Os leitores que têm acesso à literatura internacional poderá encontrar bons subsídios nas obras (observação: os textos a seguir podem ser adquiridos diretamente através do autor, no endereço: 4219 W. Olive St., suite nº 247, Burbank, CA 91505):

- ❑ ***The Roswell Incident: Update and Conclusions***, Willian Moore, publicado no boletim da APRO, em 1981.
- ❑ ***The Roswell Incident: Beginning of a Cosmic Watergate***, Willian Moore e Stanton T. Friedman, publicado no MUFON Symposium Proceedings, 1981.
- ❑ ***The Roswell Investigation: New Evidence in the Search for a Crashed UFO***, Willian Moore, publicado no MUFON Symposium Proceedings, 1982.
- ❑ ***UFOs: Uncovering the Ultimate Answer***, Willian Moore e Stanton T. Friedman, publicado no MUFON Symposium Proceedings, 1983.

Resumidamente, conforme tem sido reconstituída, a história de Roswell começa na noite de 2 de julho de 1947, quando um objeto brilhante em forma de disco passa em vôo rasante sobre a cidadezinha perdida no noroeste do Novo México. O evento é apenas um avistamento típico de UFO - um dos literalmente milhares semelhantes divulgados por todos os Estados Unidos naquela mesma semana. Se isto tem alguma conexão ou não com os acontecimentos subsequentes em Roswell a resposta é estritamente uma questão de conjectura. O que é sabido é que em algum ponto a cerca de 46 km a noroeste da cidade, nas cercanias de um distante rancho, um UFO, possivelmente o mesmo que foi observado, aparentemente sofreu uma violenta explosão que espalhou sobre a área uma imensa quantidade de fragmentos metálicos bastante incomuns. Os destroços foram descobertos na manhã seguinte pelo rancheiro W. W. 'Mac' Brazel, em companhia de sua filha Bessie e seu filho Vernon. Por não possuir telefone ou outros meios de comunicação, Mac só contou sua descoberta às autoridades vários dias depois, quando foi à cidade.

Uma investigação preliminar foi realizada e grande quantidade dos restos do objeto foram subsequentemente recuperados pela equipe do major Jesse Marcel, oficial de informações do Estado-Maior da Força Aérea na Base Aérea de Roswell, em companhia de um oficial da Unidade de Contra-Espionagem chamado 'Cav' Cavitt. Ao retornarem a Roswell, foi divulgada uma declaração oficial pelo tenente Walter Haut, oficial de informação da base que estava sob ordens diretas do comandante e coronel William Blanchard. Enquanto isso, Marcel recebeu ordens de levar o material resgatado num avião B-29 até a Base Aérea de Wright Patterson (então Wright Field), no Ohio, para exames. O B-29 fez uma parada intermediária no quartel-general da 8ª Divisão da Força Aérea, em Fort Worth, no Texas. Tudo foi mantido sob o mais rigoroso sigilo possível. Ao chegar a Fort Worth, o carregamento passou para as mãos do general M. Ramey, que instruiu Marcel e outros que o acompanhavam na viagem a não falarem absolutamente nada aos repórteres, e ainda deu uma declaração em direta oposição a nota de Roswell, afirmando "*...que tudo havia sido um lamentável engano e o que fora recuperado, na verdade, nada mais era do que os restos de um balão meteorológico com uma tela de estanho anexada*".



---

## **UMA HISTÓRIA DIFERENTE**

### **AS EVIDÊNCIAS FALAM POR SI**

Entrementes, a verdadeira carga com os restos do objeto estava a caminho de Wright Field sob forte proteção militar. Nisso, Marcel estava de volta a Roswell e o rancheiro Mac Brazel tinha sido 'tirado de circulação', sendo mantido incomunicável por quase uma semana) enquanto seu rancho era vasculhado minuciosamente a cata de todo fragmento e prova. Ao mesmo tempo, uma estação de rádio de Albuquerque, que informava via telégrafo o que estava ocorrendo, foi pressionada a interromper a transmissão e, juntamente com outra estação, foi advertida a não levar ao ar o fato. Forçado a resolver o problema da divulgação prematura do incidente de Roswell, no entanto, Ramey inteligentemente desviou a atenção da imprensa para si próprio, convencendo os repórteres das rádios e jornais a acreditarem que todo o excitação era devido a um mero balão meteorológico não identificado. Felizmente, para Ramey, os jornalistas aceitaram a explicação sem muitas perguntas e tudo ficou seguro até a manhã seguinte.

Como já foi mencionado, muitas informações foram anteriormente publicadas sobre este incidente. Para se evitar repetição e ainda procurar fazer um relato coerente, tais informes serão resumidos (citando-se as fontes originais) e inseridos no texto quando necessário, a fim de fornecerem novos fatos ou interpretações adicionais - e entraremos em detalhes somente onde novas evidências aparecerem pela primeira vez. Nossas investigações sobre o incidente de Roswell começaram em janeiro de 1978, após uma discussão que tivemos com Stanton Friedman em Morris, Minnesota. Partes do que parecia ser a mesma história emergiram durante a troca de informações que mantivemos a partir daí e ficou decidido que iríamos investigar profundamente o assunto. O resultado foi uma série de entrevistas com mais de noventa pessoas que forneceram quantidades variadas de informações a respeito da queda do UFO em Roswell. daquelas, 30 teriam que ser consideradas testemunhas de primeira-mão ou essenciais, visto que estavam de algum modo pessoalmente envolvidas ou com a descoberta, recuperação ou subsequente acobertamento dos fatos.

Dos mais de 60 entrevistados restantes, cerca de 30 são periféricos (familiares, amigos, vizinhos etc), geralmente de segunda-mão, e outros 30 são fontes informativas ou de segundo plano (terceira-mão ou menos). Considerando-se apenas estes números, o incidente de Roswell apresenta-se como um dos casos de UFOs mais extensivamente investigados de que se tem notícia - uma façanha considerada até mesmo mais notável pelo fato de que ocorreu a mais de 30 anos antes que qualquer investigação fosse sequer realizada. A despeito das acusações dos críticos - que não se dão ao trabalho de checar os fatos -, e em direto contraste com as histórias de resgates de UFOs publicadas por outros autores, muitos dos entrevistados por nós, até agora, conectados direta ou indiretamente com Roswell, têm sido mencionados ou consentido em terem seus nomes usados em diversos relatórios que já publicamos. Seis das 30 testemunhas de primeira-mão já foram apresentadas por nós até a TVs e rádios, nacionalmente. Com isso, as declarações de pretensos cétricos - *"...de que o acidente com o UFO foi 'reconstruído' por intermédio de uma série de relatos de 2ª, 3ª e até de 4ª mãos, citando-se testemunhas oculares que são geralmente anônimas ou estão há muito tempo mortas"* (55) - não são apenas irresponsáveis, mas totalmente ignorantes dos fatos.

Os críticos também não vêem a exaustiva e enorme dificuldade que encontramos ao tentar localizar as pessoas e reconstruir os acontecimentos quase 4 décadas depois. Mesmo assim, demolindo os obstáculos pouco a pouco, as evidências que surgem são de que um *"grande e brilhante objeto... semelhante a dois pires invertidos e virados boca-a-boca"* passou sobre Roswell em direção noroeste por volta de 21:50 h de 2 de julho de 1947. O UFO é confirmado por um artigo de jornal que apareceu no *Daily Record* de Roswell, de 8 de julho de 1947. Confirmações adicionais dos fatos foram obtidas do Sr. Paul Wilmot, filho

do Sr. e Sra. Dan Wilmot (ambos mortos), que foram as principais testemunhas do avistamento.

Igualmente, houve violentos trovões e tempestades de raios naquela noite, a noroeste de Roswell, confirmados por relatórios meteorológicos locais (56). Uma explosão incomum, *"...de alguma espécie diferente do costumeiro trovão"*, foi associada à uma tempestade que passou sobre o rancho de Brazel, confirmada tanto por Marcel como por William Brazel, filho do rancheiro. Ambos separadamente lembraram-se da descrição da ocorrência feita pelo velho Brazel e a menção da explosão (vários rancheiros que vivem na área confirmam que tais tempestades não são incomuns naquela época do ano, e que frequentemente há mais trovoadas e relâmpagos do que chuva).

Os eventos que cercam a recuperação do material encontrado por Mac Brazel são corroborados por mais de 22 fontes, quase todas entrevistadas separadamente. Incluídos neste número estão Marcel e seu filho, o Dr. Jesse A. Marcel (doutor em Medicina), que tinha cerca de 12 anos na ocasião; os filhos de Mac Brazel, William, Bessie (Schreiber) e Paul; sua nora Shirley (esposa de William); sua irmã Lorrene Ferguson (morta em 83) e seu tio, Hollis Wilson; Walt Whitmore Jr., que estava com uns 20 anos a época e era filho do proprietário da estação de rádio de Roswell KGFL; Frank Joyce, antigo jornalista e locutor da KGFL; Sr. Art McQuiddy, antigo editor do velho *Dispatch* de Roswell; e os vizinhos, Sr. e Sra. Floyd Proctor, Sr. e Sra. Lyman Strickland, Clint Sultemeier (morto em 83), Archie e Geraldine Perkins, e Ernest Dishman. Seis destes entrevistados, que realmente manusearam os fragmentos do UFO, forneceram separadamente descrições com-probatórias do que viram e tocaram. Baseado nestas entrevistas o grosso do material foi descrito como sendo uma grande quantidade de folhas metálicas extremamente finas e sólidas, lembrando alumínio opaco ou folha de chumbo na cor. Vejamos as declarações dadas:

- *"...este material não podia ser dobrado ou quebrado, ou mesmo amassado permanentemente com uma marreta de 7 kg. Era quase sem peso, como um metal com características plásticas"* (segundo o coronel Marcel);
- *"O material era como uma chapa bastante fina, como se fosse metálica, mas não era metal e era bastante resistente"* (Dr. Jesse Marcel);
- *"...lembrava uma espécie de folha de alumínio. Algumas destas peças tinham uma espécie de fita aderida a elas. Mas, embora a coisa se parecesse com uma fita, não se conseguia desfiá-la ou removê-la de modo algum. A chapa era bastante leve, mas certamente havia bastante delas"* (Bessie e Brazel Schreiber);
- *"Era bastante parecido com uma chapa de chumbo, mas não se conseguia partí-lo ou cortá-lo absolutamente. Era extremamente leve"* (W. Whitmore Jr);
- *"Era algo do tipo da uma folha de estanho, exceto que não se podia partí-la em pedaços. Ao ser amassada, ela imediatamente voltava à sua forma original. Era bastante flexível, mas não se conseguia ferir ou dobrar como um metal comum. Parecia quase como um plástico, mas definitivamente era metálica em sua constituição"* (William Brazel);
- *"...papai certa vez disse que a Força Aérea do Exército (hoje USAF) havia-lhe dito numa ocasião que nada daquele material era feito por nós"* (William Brazel);
- *"Aquilo era bastante resistente e bem leve. Podia-se dobrá-lo, mas não amassá-lo. Ao que me consta, ninguém jamais soube dizer do que era feito"* (Bill Ricket, antigo agente secreto de Roswell).

---

## **EVIDÊNCIAS**

### **TESTEMUNHOS E PROVAS**

Estas descrições foram corroboradas por várias testemunhas de segunda-mão, que embora não tenham visto os fragmentos pessoalmente, lembram-se que lhes foi dito há muitos anos atrás. Entre o que se recordam há uma grande quantidade do que pareciam ser tábuas ou pequenas varas cobertas com estranhas inscrições. Vejamos alguns depoimentos sobre esse material:

- "...eram pequenas tábuas de cerca de 1 a 1,5 cm quadrados, com alguma espécie de hieróglifos que ninguém era capaz de decifrar. Pareciam-se com madeira que se usa para jangadas e tinham quase o mesmo peso, exceto que não eram madeira absolutamente. Eram bastante duras, embora flexíveis, e não queimavam nem soltavam fumaça ...os símbolos nelas eram de cor rosa e púrpura" (coronel Marcel);
- "Os sinais eram impressos ao longo da borda de alguns fragmentos das tábuas. Eram parecidos com hieróglifos nas cores rosa e púrpura, exceto que pareciam não representar qualquer figura de animal como nos legítimos hieróglifos egípcios" (Dr. Jesse Marcel);
- "...algumas destas peças tinham algo como números e inscrições nelas, mas não eram palavras que pudéssemos entender. Quando eram colocadas contra a luz, podia-se ver o que pareciam ser flores em tom pastel ou desenhos. Os números estavam colocados como em colunas, mas não se pareciam com números que usamos, de modo algum" (Bessie e Brazel Schreiber);
- "Algumas pequenas varas, que podiam ser de madeira ou iguais a madeira, tinham uma espécie de inscrição que lembravam números que tivessem sido somados ou multiplicados (dispostos em colunas)" (Walt Whitmore Jr);
- "Algumas partículas eram parecidas com madeira, leves como bálsamo, mas um pouco mais escuras e muito mais duras. A madeira, se fosse de fato madeira, era flexível mas não se podia quebrá-la: não tinham peso algum. Porém podíamos arranhá-la com a unha; tudo que consegui foi tirar algumas lascas. Não havia inscrições ou sinais nas peças que eu peguei" (William Brazel).

Os fragmentos a que William Brazel se refere foram recolhidos por um oficial da Força Aérea chamado Armstrong, em 1949, após Brazel ter cometido o erro de falar sobre eles num bar (57). Até então, o homem possuía sob sua guarda vários desses resíduos. Mesmo assim, os personagens que entrevistamos nos descreveram vários outros tipos de restos encontrados no local da queda do UFO. Alguns desses itens foram assim avaliados:

- "Era uma grande quantidade de estranhas substâncias parecidas com papel vegetal, de cor marrom e extremamente resistentes. Havia uma caixa preta metálica com alguns metros quadrados, sem abertura aparente ou junções, e muito leve para ser uma caixa de instrumentos de algum tipo" (coronel Marcel);
- "...algum tipo de material filiforme. Parecia-se com seda, mas não o era... Era um material bastante resistente e parecia-se mais com um fio de uma única composição ou substância. Suponho que podia ter sido alguma espécie de fio, mas jamais cogitei tal coisa antes." (William Brazel);
- "Parecia-se com um fragmento de algo composto da mesma folha metálica, como uma luva de cano. Com cerca de 10 cm de largura e igualmente comprida, com um rebordo numa das pontas. Também pareciam ter pedaços de um resistente papel de cera, igual a papel vegetal" (Bessie Brazel Schreiber);

---

## **MAIS EVIDÊNCIAS**

### **NOVOS TESTEMUNHOS E PROVAS**

E para aí vão as descrições. De acordo com Marcel, os pedaços maiores que viu eram talvez de 90 cm a 1 m de largura. Ele tentou juntar algumas destas partes como num quebra-cabeças, para que se pudesse ter uma idéia do tamanho ou forma do objeto antes de explodir, mas não conseguiu. Sua melhor avaliação, baseada na quantidade de fragmentos encontrados e em seus esforços em juntar alguns deles, era de que algo muito grande e complexo havia explodido ali. "Um de meus companheiros conseguiu reunir cerca de 3 m quadrados de fragmentos, mas nem isso foi suficiente para ter uma estimativa do formato do engenho. Qualquer que fosse, de todo modo, era bem grande...", lembrou-se durante uma de nossas entrevistas (58). Em uma conversa posterior, Jesse identificou esse

"grande" como "...algo de talvez uns 7 a 9 m de diâmetro; talvez até mais. Havia muito material espalhado lá" (59). O comunicado oficial de 8 de julho de 1947, no entanto, dizia que Brazel "guardou o objeto até o momento em que foi possível contactar as autoridades" (60).

Quando inquirido sobre isto, Bill Brazel, disse que se recorda de alguém haver-lhe dito que seu pai tinha transportado uma grande peça de talvez 3 a 3,5 m de largura numa camioneta, para um abrigo de gado. Lamenta, entretanto, que pessoalmente não tinha visto o material e que não foi seu pai quem lhe disse isso, embora não saiba dizer quem foi. Seu vizinho, Floyd Proctor, conta uma história parecida e diz que a ouviu do próprio Mac Brazel, quando este veio até sua casa para lhe informar sobre sua descoberta (61). Finalmente, Frank Joyce diz que lembra-se de Brazel ter-lhe contado alguma coisa sobre levar uma parte do objeto para algum tipo de abrigo. "Depois, Brazel mudaria sua história, não sei porque. Toda a história estava diferente, e foi esta que saiu nos jornais, sobre a coisa toda ser só varas e folhas de estanho e ter apenas o tamanho de uma escrivadinha. Eles (os militares) até tentaram mudar as datas, segundo me recordo" (62).

Talvez seja significativo, neste ponto de nosso trabalho, mencionar que Lydia Slepp recorda-se de Johnny McBoyle haver-lhe descrito o objeto pelo telefone "como uma bacia de lavar louça amassada", e que "algum rancheiro tinha levado a coisa para um abrigo de gado com um trator" (63). O que pensar de tudo isso?... As consequências da declaração oficial de Roswell, os acontecimentos em Fort Worth envolvendo o General Ramey e seus bem-sucedidos esforços para encobrir a história levantam suspeitas quanto ao que ocorreu naquela data. Some-se a isso o vóo secreto a Wright Field, sob proteção militar, e o fato de que os destroços eram possivelmente de um UFO e que foi tudo confirmado por muitas pessoas envolvidas, incluindo as seguintes:

- ❑ **o primeiro-tenente Walter Haut, oficial de Informação Pública em Roswell**, que confirmou haver redigido e divulgado a nota sobre o acidente com o UFO sob ordem pessoal do comandante da base coronel William Blanchard. Haut disse que, a respeito se um pedido seu para ver o objeto, Blanchard disse-lhe: "você não precisa vê-lo; apenas faça o que lhe é ordenado";
- ❑ **a ex-esposa do coronel Blanchard, Emily Simms**, declarou que seu marido sabia que o material que ele havia enviado a Fort Worth não era de nenhum balão. "A princípio", disse-nos, "ele pensou que pudesse ser russo, por causa dos estranhos símbolos que alguns fragmentos tinham. Depois, ele percebeu que também não era russo" (64);
- ❑ **O brigadeiro Woodrow F. Swancutt (USAF)**, um dos amigos pessoais de longa data de Blanchard, também recorda-se do incidente "...porque o caso ficou bastante conhecido". E fez uma observação muito incomum, de que "...supunha-se, na época, ter sido este um dos primeiros UFO a cair nas mãos dos EUA". Sua declaração final, após uma curta pausa, é de que "a princípio, Blanchard pensou que estivesse em poder de algo importante. Houve considerável troca de comunicação entre ele e Ramey, mas demorou muito tempo para que este identificasse aquilo como uma sonda radar. Eu não sei para onde o material foi enviado ou quem fez as declarações sobre o resultado, mas o Blanchard parecia bastante satisfeito em aceitar as explicações, contanto que o fardo estivesse fora de suas mãos..." (65);
- ❑ **o brigadeiro T. J. DuBose (USAF), ex-assistente de Ramey no Estado-Maior em Fort Worth**, declarou: "nós tivemos ordens de cima para despachar o material diretamente para Wright Field, em avião especial". Ramey disse também que estava no comando e que todos os demais deveriam apenas seguir suas ordens. De acordo com DuBose, a história do balão meteorológico era uma completa invenção destinada a tirar os repórteres presentes das costas de Ramey rapidamente, e, ao mesmo tempo, apagar o fogo (65). DuBose posteriormente acrescentou que o próprio Ramey tinha ordens de encobrir o caso, "...e que estas ordens vieram do general Clement McMullen, do Pentágono" (66). McMullen que era um general duro e da velha guarda que achava que o público deveria ser informado o mínimo possível sobre qualquer coisa (67);

- ❑ **o oficial meteorológico de Fort Worth, Irving Newton**, afirmou ter recebido ordens pessoalmente de Ramey para ir até seu gabinete e identificar os restos de um balão meteorológico. Quando indagado se o pessoal de Roswell seria capaz de identificar os destroços do balão sozinhos, sem ter que trazê-lo até Fort Worth, Newton respondeu que certamente sim. *"O que me foi mostrado era uma sonda Rawin comum, que o pessoal de Roswell devem conhecer muito bem. Tive a impressão que ela me foi dada para identificar, mas estavam escondendo alguma coisa..."* (68);
- ❑ **Robert R. Forer, co-piloto de Marcel no vôo de Roswell a Fort Worth**, disse que lhe informaram que o material no compartimento de cargas eram partes de um UFO, e foi advertido a não fazer mais perguntas a respeito (69);
- ❑ **Walt Whitmore Jr.** confirmou que seu pai recebera ordens de suspender a transmissão do relato do acidente pela KGFL através de telefonemas do próprio secretário da Comissão Federal de Comunicação, e pessoalmente do senador Chaves, do Novo México. De acordo com Whitmore, ambos avisaram que a licença da emissora seria suspensa se seu pai não obedecesse. *"Ninguém parecia saber exatamente o que se passava, mas eu ouvi a palavra disco voador ser mencionada várias vezes..."* (70);
- ❑ **Jud Roberts, diretor de outra estação de rádio de Roswell, a KSWB**, disse que também teve problemas ao tentar documentar a história. Quando enviou o repórter Johnny Boyle para verificar o caso, este retornou mais tarde dizendo que havia *"encontrado um bloqueio militar fora da cidade e por isso foi obrigado a voltar"* (71);
- ❑ **Jesse Marcel** diz que não foi nem mesmo permitido falar à imprensa, exceto para informar o que o general Ramey o havia instruído. *"Foi o general Ramey quem planejou a história toda apenas para tirar a imprensa das suas costas. Aos repórteres foi informado que o material era de um balão e que o vôo a Wright havia sido cancelado, mas o que realmente aconteceu é que eu fui substituído e algum outro levou o carregamento à Wright Field"* (72);

---

## **BUROCRACIA**

### **O FBI ENTRA NO JOGO**

A declaração de Marcel, de que os destroços foram de fato levados a Wright Field, a despeito do que Ramey disse à imprensa, é mais adiante confirmado pela cópia de uma comunicação do FBI passada por teletipo entre Dallas e Cincinnati, além de outra enviada a Washington. O documento, reproduzido integralmente a seguir, exprime clara preocupação com as tentativas dos meios de comunicação em divulgar a história da localização do disco. Vejamos:

FBI Dallas, 8-7-47, 18:17 min.  
 Diretor e Agente Especial, Cincinnati, Urgente  
 Informação concernente Disco Voador.

(...) quartel-general da 8ª Divisão da Força Aérea comunicou a esta Agência por telefone que um objeto parecendo ser um disco voador foi resgatado próximo a Roswell, Novo México, nesta data. O objeto de formato hexagonal estava ligado a um balão por cabo, e tal balão tinha cerca de 6 m de diâmetro. (...) informou que o objeto assemelha-se a um balão atmosférico com um refletor de radar, mas a conversa telefônica entre a Agência e Wright Field não confirmou tal opinião. O disco e o balão foram transportados a Wright Field em avião especial para exame. A informação foi dada a este Escritório em razão do interesse nacional no caso e no fato de que a National Broadcasting Company (NBC), Associated Press (AP) e outras tentem divulgar a localização do disco hoje. (...) informou que pediria a Wright Field notificar o Escritório de Cincinnati sobre os resultados do exame. Posteriores investigações ainda não foram conduzidas.

A descrição do disco como aparece na mensagem, entretanto, está consideravelmente distorcida, uma vez que a informação fornecida ao FBI veio através do major E. M. Kirton, do serviço secreto da Força Aérea em Fort Worth, sob ordens diretas de Ramey. A Força Aérea não tinha intenção de revelar ao FBI os detalhes do que havia sido encontrado, mas certamente queria conseguir o apoio e assistência da Agência para liquidar o caso, na hipótese deste fugir ao seu controle. Por fim, a imprensa aceitou a história do balão sem muitas perguntas e não houve necessidade de informar ao FBI sobre adicionais desdobramentos. Curiosamente, quando o ex-agente do FBI que transmitiu esta mensagem foi contactado por nós, em fevereiro de 1981, ele recusou-se categoricamente a conceder uma entrevista, ainda que não tivesse sido informado de antemão do teor das perguntas. *"Estou levando uma vida tranquila e feliz desde que me aposentei", disse, "sem homens estranhos à minha porta, incêndios misteriosos na minha garagem ou telefonemas de Washington. Gosto das coisas como estão e pretendo mantê-las assim".*

Além desses fatos interessantes, aparece também a freqüente queixa manuscrita de J. Edgar Hoover, diretor do FBI, datada de 15 de julho de 1947 e declarando em tom contrariado que *"...nós devemos insistir em ter acesso total ao disco resgatado"*. Hoover - o todo-poderoso do FBI - escreveu estas linhas no pé de um documento sobre UFOs resgatados, uma carta da Força Aérea negando consentimento aos seus homens para averiguarem a nave de Roswell. Noutra oportunidade, Hoover aparece reclamando que *"...por exemplo, no caso Louisiana o Exército tomou a frente e não tivemos acesso nem mesmo para um rápido exame (do UFO)"* (73). Nesta frase, refere-se a Roswell com o termo em código *"caso Louisiana"*, como ficou conhecido nos círculos do poder. De fato, as investigações mostram que houve dois *"casos Louisiana"*, além do incidente de Roswell e na época em questão: um em Shreveport, cidade que fica realmente no Estado de Louisiana, e outro em Los Angeles. Descobriu-se mais tarde que ambos eram falsos, mas o mais importante é que o FBI esteve envolvido nos dois casos, segundo soubemos através de seus próprios arquivos e da AFOSI. E se o Bureau esteve claramente envolvido nesses casos, embora falsos, não havia necessidade de Hoover reclamar em contrário (74). Sem dúvida, parece que cometeu um erro perfeitamente humano ao confundir as coisas, após memorando de 10 de julho.

Enquanto tudo isso acontecia, o jornal *Washington Post*, que pelo tom de seus artigos devia ter seus próprios repórteres para cobrir a história dos UFOs, comentou que *"...a princípio, as autoridades deram escassos detalhes da descoberta do objeto, e depois ainda taxaram o assunto como de segurança máxima, sobre o qual nenhuma informação poderia ser publicada. Alegaram motivos de segurança nacional"* (75). Noutra de suas edições, no dia seguinte, o *Post* trouxe a declaração de que *"...oficiais da Base Aérea de Roswell receberam uma severa reprimenda do quartel-general do Estado-Maior da Aeronáutica, em Washington - segundo a United Press - por terem anunciado que um disco voador havia sido encontrado em um rancho no Novo México"* (76). Walter Haut, no entanto, nega ter recebido qualquer comunicado neste sentido, ou mesmo diferentemente. Como pode se ver, tudo o que ocorreu naquela época foi envolvida por uma névula de contradições, afirmações e desmentidos que, sob uma análise mais fria, teve por objetivo único confundir ao mesmo tempo o público e os próprios oficiais (subalternos) quanto a questão ufológica e o resgate de UFOs e ETs.

---

## **MAIS PESADO QUE O AR**

### **AUTORIDADES NÃO CONTAM TUDO**

Numerosos jornais insinuaram claramente que devia ter havido muito mais coisas no caso Roswell do que foi informado, e supeitaram que as autoridades detinham controle das informações. A história provou que estavam absolutamente certos. Somente em 9 de julho o *Journal*, de Albuquerque, comentou que seus repórteres haviam tentado obter mais informações do sherife George Wilcox, do Condado de Chaves, mas este tinha se recusado a fornecer detalhes. *"Estou trabalhando com aquele pessoal da base", disse, "e não posso falar muita coisa para vocês..."* Igualmente, o *Daily Record*, de Roswell, opinou num editorial publicado no mesmo dia que *"...o Exército não está contando todos os seus segredos, e*

*deveremos ter muitas surpresas no futuro*". O fato de que Mac Brazel foi mantido incomunicável pelo Exército em Roswell, por cerca de uma semana - de 8 a 15 de julho daquele ano, bem depois que a explicação do balão meteorológico havia sido aceita pela imprensa e a história já tinha se dissipado - chama a atenção (78). Todos os que conhecem Brazel afirmam que ele ficou extremamente abalado e irritado com o tratamento que recebeu.

O rancheiro apenas contou o que viu, exatamente como outras mais de 30 pessoas que tiveram contato com a queda do UFO diretamente. Por que só Brazel teria que pagar? "Acho que ele foi maltratado, e apenas por tentar cumprir seu dever", declarou um de seus amigos. É também consenso que Mac levou muita coisa que realmente sabia sobre o incidente para a sepultura, quando morreu em 1965. E não só ele. Como já foi mencionado, consideráveis informações suplementares podem ser encontradas no depoimento de Frank Joyce, antigo repórter e locutor da emissora de rádio KGFL, de Roswell. Em seu informe, Joyce apresenta confirmações de primeira-mão sobre os eventos relacionados à nota oficial das autoridades e seus esforços subsequentes para se encobrir a história.

As investigações de Roswell permanecem um projeto ativo para muitos ufólogos, ainda que o tempo passe e torne mais e mais difícil fazer o caso avançar para além do ponto em que chegou. O que publicamos a seguir são novas informações, inéditas, apresentadas para que possam ser somadas às evidências já expostas para fornecer um quadro mais completo da situação. Por exemplo, o Sr. Bill Ricket, ex-oficial da Unidade de Contra-Espionagem (CIC), de Roswell, que trabalhou sob ordens de Cav Cavitt, foi entrevistado várias vezes este autor e Stanton Friedman. Vejamos um resumo das informações obtidas durante estas entrevistas: no dia 7 de julho de 1947, quando Marcel e Cavitt retornaram do rancho de Brazel, Ricket estava em Tucumcari, Novo México, trabalhando em outro caso. Ele voltou a Roswell por volta de 11:00 horas da manhã seguinte e foi informado por Cavitt, seu superior, sobre o ocorrido. Cavitt, Ricket e uma outra pessoa voltaram ao local do acidente no rancho de Brazel para inspeções suplementares e pediram a Mac Brazel sua cooperação no trabalho de remoção dos restos do UFO. Os quatro (com Brazel dirigindo sua camioneta) retornaram à cidade, onde logo descobriram que a informação divulgada por Walter Haut tinha virado manchete e tudo se tornou um caos total.

Brazel, de acordo com seu filho Bill, tencionava passar a noite na casa de um amigo, Creighton Richards, na suposição de que se encontraria com Cavitt apenas na manhã seguinte. No entanto, foi rapidamente recolhido 'para estar disponível' para uma entrevista com a imprensa, afim de esfriar o caso, se necessário. Curiosamente, Brazel ficou na casa de Walt Whitmore, da KGFL, cuja 'cooperação' também tinha sido pedida pelos militares (79). De posse da versão que Cavitt queria passar à imprensa, os três (Brazel, Whitmore e Cavitt) foram até o escritório do *Daily Record*, de onde saiu a história publicada nos jornais nos dias seguintes. Cavitt então tomou as providências necessárias para Brazel ficar na base nos dias subsequentes, enquanto o local do acidente era limpo e até que a história tivesse caído no esquecimento dos meios de comunicação. Foi durante este período, provavelmente em 9 de julho, que Brazel deu uma entrevista suplementar para uma estação de rádio em El Paso. A entrevista foi planejado e recheada de fatos obscuros e mentiras, para mantê-lo ocupado e fora da cidade ao mesmo tempo.

---

## **CONTINUIDADE**

### **INVESTIGAÇÕES NÃO CESSAM**

Outras informações obtidas durante as entrevistas com Ricket tornam mais claro o papel das Forças Armadas nos acontecimentos seguintes. Segundo Ricket, *"um avião carregado de importantes equipamentos veio de Kirtland em circunstâncias especiais para resolver o caso. Uma parte dos destroços e peças de metal foram colocadas neste avião e, no dia seguinte, este*

*partiu em rota ignorada. Quando perguntei para o pessoal para onde havia ido, me responderam apenas que ia em 'direção leste'..."* Por volta daquele mesmo período, o Dr. Lincoln LaPaz chegou de Albuquerque e Ricket foi designado para acompanhá-lo ao local do acidente. Segundo nosso informante se recorda, a missão de LaPaz era tentar descobrir qual era a velocidade e a trajetória do objeto. LaPaz era um perito mundialmente reconhecido em trajetórias de objetos celestes, especialmente meteoros, e Ricket foi instruído a dar toda assistência necessária ao especialista: tinha que providenciar transporte, dinheiro, equipamentos etc. Numa ocasião, LaPaz entrevistou Brazel e este confirmou que encontrou alguns de seus animais comportando-se estranhamente após o incidente.

LaPaz visitou e inspecionou detidamente o local do acidente, e até encontrou um outro local onde achou que o objeto havia aterrissado e decolado. A areia deste lugar havia se transformado numa substância parecida com vidro derretido, aparentemente por ter sido exposta a um calor intenso. *"Nós colhemos uma caixa cheia do material, onde havia alguns fragmentos de metal do mesmo tipo de folha de estanho. LaPaz enviou este material para estudos em algum lugar, mas nunca soube onde. O que sei é que este novo ponto, onde teria pousado o UFO, estava a apenas alguns quilômetros distante do local da queda"*, recorda-se Ricket. LaPaz tinha bastante habilidade para conversar com as pessoas, especialmente com alguns dos empregados de ranchos na região e que quase não falavam inglês. O cientista chegou a encontrar pessoas que tinham visto não apenas um, mas dois UFOs, *"coisas que voavam bem lentamente e a uma altitude muito baixa, no início daquela noite"*, declararam alguns peões. Estas testemunhas disseram qualquer coisa sobre os animais estarem alterados também.

Antes de voltar a Albuquerque, LaPaz teria dito a Ricket que o objeto estava com problemas, que havia aterrissado para fazer alguns reparos, decolado e em seguida explodido, alguns quilômetros a frente. O cientista também estava certo de que havia mais de um desses engenhos no local, e que os outros estavam procurando justamente o que estava com problemas. *"Ele tinha certeza que a causa do acidente fora um mal funcionamento da nave e disse-me que faria um relatório cauteloso sobre o assunto, deixando as conclusões mais arriscadas para outros..."*, confirmou Ricket. Nosso informante também lembra-se de ter ouvido LaPaz garantir que a explicação da Força Aérea, de que aquilo era um balão, era totalmente falsa, e que tinha certeza que alguma civilização mais avançada que a nossa estava nos observando. No entanto, preferia deixar as especulações fora de seu relatório (80).

---

## **NOVOS FATOS SE SOMAM AONDE COMEÇAM E TERMINAM?**

Em apoio ao envolvimento de LaPaz com o incidente de Roswell existe um documento governamental secreto, descoberto pelo pesquisador Loren Gross, de Fremont, Califórnia, através da Lei de Liberdade de Informações. Vejamos seu conteúdo, segundo transcrito por Gross:

*"No dia 30 de outubro de 1947, um certo tenente Young, da Esquadilha Civil de Patrulha Aérea do Novo México, retransmitiu um aviso de alarme através da rede de comunicações daquele organismo para a Base Aérea de Kirtland, em Albuquerque, sobre um avião caindo em chamas sobre um local próximo a Roswell. O major Charles L. Phillips, oficial de ligação da Força Aérea em Kirtland, e o capitão John Feathertone, oficial de comunicações da Esquadilha, após analisarem o objeto acidentado concluíram que aquilo poderia ser qualquer outra coisa, menos um avião em chamas. Por isso, contactaram o Dr. LaPaz, do Instituto de Meteoritos do Novo México, para vir e analisar a questão, segundo um plano pré-combinado" (81).*

Enquanto o objetivo e a data do tal 'plano pré-combinado' permanecem desconhecidos, sua própria existência sugere um possível início de atividades secretas em Roswell pelo menos de três meses antes de termos idéia que tudo começou. Houve de fato vários projetos de balões atmosféricos, alguns secretos, desenvolvendo-se no Novo México e áreas adjacentes na ocasião



do incidente de Roswell, especialmente um da Universidade de Nova York e projetado no Laboratório do MIT, em Cambridge. Eram experiências reservadíssimas e duvida-se que tenham alguma coisa a ver com meteorologia, mas sim com teste de armas novas de ataque (ou defesa), ou ainda com testes de novos tipos de radares. Mas, segundo os próprios militares, nenhum destes projetos tinham qualquer relação que seja com o que se passou no rancho de Mac Brazel. Isto sem contar que as descrições do engenho encontrado em nada se parecem com qualquer tipo de balão conhecido, mesmo que secreto.

Afirmações de que o objeto de Roswell era um dos primeiros balões de pesquisa cósmica da série Skyhook foram checadas e mostraram-se totalmente sem fundamento. Embora o projeto Skyhook fosse secreto à época (quando ainda era conhecido como Projeto Helios), o primeiro balão deste tipo foi lançado de Camp Ripley, próximo a Minneapolis, Minnesota, como parte de um projeto da Marinha, isso mais de cinco meses após os acontecimentos no rancho de Brazel. Igualmente, os testes secretos do foguete V-2 foram conduzidos em Fort Bliss, a partir de 12 de junho de 1947, sendo que todos os protótipos lançados foram recuperados para análises. Nenhum deles parecia-se com o que caiu em Roswell - e isso as autoridades sabiam bem! Para completar, um memorando interno e confidencial datado do princípio de setembro, do general George F. Schulgen, chefe interino do Estado-Maior da Aeronáutica, para J. Edgar Hoover, diretor do FBI, garantia que *"...um completo levantamento das atividades de pesquisas confidenciais revela que a Força Aérea não tem nenhum projeto com as características similares àquelas que têm sido associadas aos discos voadores"* (82). Ponto final? Parece que não.

Outro item que depõe contra o argumento de que o objeto acidentado no rancho de Brazel era apenas os restos de um balão é o fato de que dois destes balões, bem semelhantes, de fato, caíram e foram recuperados sem nenhum alarde na mesma ocasião. Embora isso não tenha ocorrido no Novo México, serve para demonstrar a facilidade com que tal objeto podia ser identificado por quase qualquer pessoa da área. Um terceiro e parecido incidente se deu em 31 de agosto de 1950, quando uma sonda Rawin lançada de Treasure Island, próximo a São Francisco, foi encontrada no quintal da Sra. Irene Brink (83). Segundo o informe de um jornal local, a presença do objeto no quintal levantou comentários dos vizinhos sobre discos voadores e armas secretas russas, até que se descobriu uma mensagem presa à uma chapa de metal de aproximadamente 90 cm de largura, no objeto, pedindo a quem o encontrasse que notificasse a base aérea da USAF mas próxima... Fontes da USAF, por sinal, confirmaram na época que eram lançados diariamente dois dos tais aparelhos para o estudo das correntes de ar.

Por outro lado, os esclarecimentos adicionais sobre a tentativa de se passar a história da queda do UFO pelo telégrafo, com os meios de que dispunha a estação de rádio KOAT, de Albuquerque, foram fornecidos por Merle Tucker, ex-proprietário da emissora (84). De acordo com Tucker, um repórter da KWS, de Roswell, à época, frequentemente dividia histórias com a KOAT por telefone devido a dificuldade da filial de Albuquerque em utilizar o seu teletipo para o envio de notícias a Los Angeles. Como já foi visto no livro *O Incidente em Roswell*, entretanto, nesta ocasião particular os esforços deste repórter em passar a ocorrência pelo telégrafo foram frustrados quando a transmissão foi cortada ao meio e a operadora do aparelho, Lydia Sleppy, foi advertida (via teletipo) a cessar a irradiação porque o caso era assunto de segurança nacional. Segundo Tucker, o repórter realmente conseguiu chegar ao local do acidente antes de telefonar a Sleppy, mas o Exército o advertiu para que esquecesse o caso. Ao tentar violar a segurança nacional, foi pego em Albuquerque, mas se chegou a ser preso não está claro, uma vez que ele se recusa a discutir o assunto até hoje. Mesmo assim, o depoimento de Sleppy parece mais que significativo a respeito. Vejamos o que ela declarou:

*"O repórter disse-me que havia visto o objeto. Ele estava num restaurante em Roswell quando entrou um homem que foi até ele e disse estar de posse de um objeto estranho e que o escondera num abrigo para gado. Ele foi até o local e viu a coisa, e no primeiro telefonema que fez para mim disse que o objeto parecia-se com uma grande bacia amassada. Mais tarde, já não queria mais falar sobre o assunto, dizendo apenas que tudo aquilo era da esfera militar"* (85).

---

## **BALÕES UFOLÓGICOS DESMENTIDOS NÃO CONVENCEM**

Uma nota adicional sobre esta declaração é a de que o texto do comunicado, passado pelo teletipo pedindo para cessar a transmissão, de acordo com Sleppy e conforme aparece no *Incidente em Roswell*, não está correto devido a um erro de Charles Berlitz, o co-autor do livro. O texto correto seria: *"Atenção Albuquerque: cesse transmissão. Repito: cesse transmissão. Assunto de segurança nacional. Não transmita. Continue no ar"*. Com estes esclarecimentos de Sleppy e Tucker, a história de como o acobertamento em Roswell foi levado a cabo está finalmente completa. As evidências estão aí: houve um encobrimento engenhosamente orquestrado, como temos afirmado desde o princípio, para impedir que a verdade sobre o incidente de Roswell venha a público - mesmo hoje, mais de quarenta anos depois do fato. Não existe mais dúvida: houve quatro vazamentos de notícias em Roswell, em 1947. Baseado no que já temos conhecimento, examinemos cada um deles.

- ❑ **O depoimento de Frank Joyce e Walt Whitmore Jr.** deixa bastante claro como a emissora de rádio KGFL se comportou no desenrolar dos acontecimentos. Sua única ligação com o mundo exterior era através do telégrafo da Western Union. Frank Joyce afirmou que foi ele quem passou a história por aquele aparelho, e como a cópia do original da nota oficial de Roswell, que estava em seu poder, desapareceu depois de sua mesa. Mais tarde, quando verificou o arquivo central da Western, em Santa Fé, descobriu que a outra cópia que estava com eles também tinha sumido. De fato, foi a história de Joyce que fez manchetes em todo mundo, até ser finalmente esfriada pela falsa história do balão de Ramey em Fort Worth mais tarde. Também, o telefonema de Washington à KGFL, aconselhando-os a tirar o relato do ar, deve ser lembrado aqui.
- ❑ **A comunicação da estação de rádio KSWs com o mundo** era feita via telefone com sua emissora-matriz, a KOAT, de Albuquerque, a qual se comunicava através de teletipo com a ABC, em Los Angeles. As declarações de Sleppy e Tucker mostram como a KSWs e por fim a KOAT foram silenciadas.
- ❑ **O *Daily Record*, de Roswell**, um jornal vespertino, publicou a nota de Haut com uma manchete em letras garrafais em sua edição de 8 de julho. O interesse no caso foi arrefecido naquela mesma noite pela entrevista de Brazel, Whitmore e Cavitt, e pelo informe de Ramey em Fort Worth. Eles divulgaram a história fabricada no dia seguinte, sob uma manchete igualmente enorme. Já o *Dispatch*, de Roswell, nunca esteve realmente trabalhando neste caso. Como um jornal matutino, sua edição de 8 de julho já estava nas ruas no momento da divulgação da nota de Haut. Quando foram fazer a edição de 9 de julho, o episódio, para eles, era já um caso encerrado.

É importante também não esquecer que a história do balão meteorológico, arquitetada por Ramey e passada à imprensa, aconteceu em Fort Worth, onde havia diferentes meios de comunicação e diferentes repórteres, sendo que nenhum deles possuía outro canal de informação, ali, além de Ramey e do que ele havia lhes dito. Marcel e seus companheiros foram instruídos a não falarem à imprensa, o oficial meteorologista Irving Newton foi introduzido no caso e zelosamente identificou o material como sendo o de um balão meteorológico - e apenas no caso do plano falhar, o FBI estava pronto para entrar em ação. Felizmente, para as forças sinistras do silêncio, o plano funcionou. Há fortes indícios de que foram tiradas fotos do local do incidente, segundo um homem que outrora serviu na Base Aérea em Roswell, C. W. Zerbe. Ele que contou o episódio a um amigo quando estava na faculdade, em 1948, e só foi localizado após exaustiva procura feita por este autor Stanton Friedman, após uma conferencia que este proferiu em Kansas, em novembro de 1982.

Durante uma entrevista com Zerbe, em outubro de 1983, ele confirmou que *"o rancheiro Brazel foi mantido incomunicável e fora de seu lar por vários dias, enquanto o local*

*era limpo por equipes especializadas". Fotos aéreas também foram feitas no local mas, até onde Zerbe sabia, nada do filme foi revelado em Roswell. "Foi tudo enviado em avião especial para ser revelado em outro lugar, possivelmente em Fort Worth. Eu jamais soube com certeza", declarou-nos. Segundo Zerbe, o oficial encarregado das operações fotográficas era o capitão Ed Guill, "...que era o mais velho da turma de fotógrafos da base, talvez com 45 ou 50 anos na época". Nossos esforços para localizar este Guill têm sido inúteis até o momento, embora seja sabido que ele deixou o serviço militar no outono de 1956, finalizando-o na Base Aérea de Los Angeles. Nossas buscas continuam, entretanto, ainda que pareça bastante improvável que ele esteja vivo para confirmar o fato. Por outro lado, nossas investigações sobre o paradeiro de pessoas nos altos escalões das Forças Armadas e no governo também continuar. De qualquer forma, novas informações devem ser acrescentadas aos acontecimentos relacionados ao incidente de Roswell, e estas vêm dos telefonemas e registros de despachos da Casa Branca na primeira quinzena de julho de 1947, que mostraram o seguinte:*

- ❑ **o presidente Truman** encontrou-se com o senador Carl Hatch, do Novo México, das 10:30 às 11:00 h da manhã de quarta-feira, 9 de julho. Hatch havia solicitado o encontro na tarde anterior e o que trataram não é revelado;
- ❑ **o único telefonema registrado do gabinete do general Vandenberg**, do Pentágono, ao gabinete do presidente ocorreu às 11:48 h da manhã daquele mesmo dia. O general foi identificado como um dos oficiais de alta patente do Pentágono em contato direto com o general Ramey, em Fort Worth, no dia anterior (87).

---

## **APARECEM OS CORPOS** **ETs SÃO DE FATO RESGATADOS**

A despeito de toda a controvérsia até agora, a grande questão que fica sobre o acidente de Roswell é se foram de fato encontrados corpos de extraterrestres no UFO resgatado. Enquanto existem algumas indicações que confirmam isso, os indícios disponíveis até momento estão longe de serem definitivos. Realmente, sob análise severa, deve-se admitir que a questão dos corpos é a parte mais frágil de todo o caso, com muito das evidências sendo apenas circunstanciais, quando muito. Um dos problemas nesta questão é que as pessoas envolvidas com o incidente de Roswell, que podem ter alguma informação a oferecer sobre este aspecto do caso, estão relutantes em falar a respeito. Por exemplo, Marcel, Haut e os outros sete membros da família Brazel dizem que, pelo que sabem, não encontraram nenhum corpo no UFO. Por outro lado, Frank Joyce já nos declarou confidencialmente - com grande relutância e sendo bastante cuidadoso na escolha das palavras - *"...que as histórias que ouvi mais tarde sobre corpos de homenzinhos encontrados no local da queda eram inteiramente compatíveis com a verdade que conheço".*

Joyce não aceita falar do assunto publicamente, assim como muitos outros envolvidos na questão, entre eles Bill Ricket, que mostrou uma reação parecida em entrevistas separadas comigo e Stanton Friedman. *"Quando mencionei os corpos, Ricket alterou-se claramente e disse que esta era uma área sobre a qual ele não poderia comentar nada, mas informou que havia diferentes níveis de segurança sobre este assunto e que certos tópicos eram discutidos somente em salas onde não se pudesse vazar nada",* declarou Friedman. De acordo com Lydia Sleppy, o repórter de sua emissora mencionou a existência de corpos à ela, por telefone, porém não quis mais tocar no assunto novamente. Como já foi visto, este repórter tem se recusado a falar sobre o incidente em cada uma das vezes que tentamos. Já o Dr. Robert Sarbacher, um dos informantes de Wilbert B. Smith (88), confirmou tanto em uma carta (89), quanto numa entrevista gravada com Stanton Friedman (90), que, pela sua posição como cientista consultor de várias agências governamentais nos anos 40 e 50, estava informado da existência de um UFO acidentado e corpos resgatados, e de um projeto do governo de altíssimo nível, responsável em tratar do problema.

Sarbacher diz, no entanto, que *"...com relação a minha própria experiência no tocante aos UFOs resgatados, eu não tenho nenhuma ligação com as pessoas envolvidas e não tenho conhecimento sobre as datas das operações de pesquisa"* (91). Infelizmente, os arquivos pessoais do

cientista foram destruídos em uma enchente há alguns anos atrás, impossibilitando que qualquer documentação que ele pudesse ter em apoio as suas afirmações fosse usada. A carta de Sarbacher, citada acima, também menciona o Dr. Vannevar Bush como *"definitivamente envolvido na operação de resgate do UFO"* (92). Outra carta, desta vez anônima mas, pelo que descobrimos, originária de um proeminente médico hoje aposentado, nos traz uma informação espetacular. Este médico anônimo fazia parte de uma equipe que realizou a autópsia no corpo de um alienígena resgatado em 1947. *"Após a queda do objeto no Novo México, o governo tentou localizar-me a qualquer custo, mas estava de férias no interior. Mesmo assim, me acharam e informaram-me que deveria apresentar-me, junto a uma equipe que eu deveria escolher, para realizar o trabalho"*.

A carta do médico mostrava, ao mesmo tempo, que o homem precisar revelar o que sabia e que não poderia se expor de modo algum. Nossos esforços na tentativa de localizá-lo foram consideráveis, mas finalmente conseguimos. O homem foi encontrado em uma cidade de médio porte do Meio-Oeste dos EUA e, embora ciente do que se tratava, recusou-se a conversar com este autor, resumindo seu diálogo a algumas poucas frases. *"Sr. Moore, o Sr. parece saber bastante a meu respeito. Por isso quero perguntar-lhe se também sabe que ainda estou na folha de pagamento de uma agência do governo?"*, disse-me. Respondi que não sabia, ao que ele retrucou: *"Eu imaginei que o Sr. não soubesse, mas agora entende porque não posso discutir este assunto..."* (93). Ponto final. Não disse absolutamente mais nada, fechou a porta de sua casa e só. Mais recentemente, um novo informante de confiança, e que ainda trabalha na área governamental, afirmou a nossa Equipe que foram recuperados quatro corpos em Roswell, mas que todos estavam bastante decompostos e haviam sido atacados por predadores antes de serem descobertos.

Segundo esta fonte, que garante ter visto os corpos, os ocupantes da nave tinham aparentemente sido ejetados para fora do objeto pouco antes dele explodir, e morreram quando caíram no solo (essa é uma suposição de que o mecanismo de ejeção não funcionou corretamente). Os seres foram descobertos por aviões de reconhecimento aéreo a vários quilômetros a sudeste do local do acidente, no rancho de Brazel, e foram resgatados em uma operação independente da que resgatou o UFO. Esta pessoa disse-nos também que os sistemas de controle e propulsão do aparelho foram quase que totalmente destruídos pela explosão. O índice de confiabilidade desta fonte, segundo apuramos, é elevado, mas mais uma vez defrontamo-nos com alguém que quer revelar algo importante e que, em hipótese alguma, está disposto a aparecer publicamente. Ele é repetido aqui apenas com finalidade informativa.

---

## **EXÉRCITO DE FRUSTAÇÃO**

### **O TESTEMUNHO DE BARNEY BARNETT**

No livro *O Incidente em Roswell* e em vários documentos atualizados sobre o assunto, os eventos que se supõe terem ocorrido nas planícies de San Augusto, próximo a Magdalena, no Novo México, a cerca de 90 km a oeste do rancho de Brazel, foram também discutidos com certa minuciosidade. Neste novo caso de queda, os destroços do UFO e os corpos de ETs mortos foram supostamente descobertos pelo engenheiro civil G. I. Barney Barnett, que aparentemente estava trabalhando em uma construção naquela área. Enquanto examinava os restos do que foi descrito como um objeto circular bastante danificado, com cerca de 9 m de diâmetro e com uma extremidade avariada, logo aproximou-se dele um grupo de estudantes da Universidade da Pennsylvania que estava nas proximidades fazendo escavações arqueológicas em ruínas indígenas na área. Pouco depois, surgiu um jipe com dois militares que avaliaram a situação e disseram para os civis afastarem-se do local. Logo chegaram outros oficiais, que dirigiram-se aos civis, entrevistaram-nos, tomaram seus nomes e os fizeram jurar segredo sobre tudo o que tinham visto, como se fosse um dever patriótico. Barnett garante que mencionaram referências sobre segurança nacional e que os oficiais chegaram a ameaçar aos que quisessem falar sobre os segredos.

*"Em seguida, toda a área foi isolada, a nave foi examinada por alguns cientistas reunidos as pressas em uma base militar próxima, e depois removida para exame num local seguro"*, disse Bar-

nett. Inicialmente, pensou-se que este caso estivesse relacionado com os acontecimento no rancho de Brazel e que os destroços encontrados eram partes do mesmo objeto, que teria conseguido permanecer no ar por algum tempo antes de cair, na região de Magdalena. Ou então, achava-se que possivelmente um objeto parecido havia sofrido uma colisão em pleno ar com o primeiro, mas teria se mantido em vôo por algum tempo antes de cair. A hipótese de que os eventos de Brazel e Barnett estivessem ligados era baseada na afirmação do patrão deste último, J. F. Danley, de que o incidente de Barnett havia ocorrido durante a última semana de junho ou a primeira de julho de 1947. Novamente, consideráveis esforços foram dispendidos para se tentar descobrir mais sobre este caso; mesmo assim, pouquíssimos resultados reais têm sido obtido. Essencialmente, o que descobrimos sobre a tal história é Barney Barnett realmente existiu e morou em Socorro, Novo México, onde trabalhou como técnico em conservação de solo num escritório em Magdalena, no período em questão.

Barnett possuía excelente reputação e era bem conhecido na região, até morrer em abril de 1969, em Dallas, Texas. Seu patrão em Magdalena, Danley, lembra-se de Barney ter-lhe falado sobre o incidente, assim como muitos de seus antigos amigos e parentes. Um oficial aposentado da força aérea, William Leed, também recorda-se de ter entrado no caso Barnett como parte de uma equipe de investigação após um vazamento de informações secretas nos anos 60 (96). Enquanto que a presença dos estudantes da Universidade da Pennsylvania na área das escavações arqueológicas em 1947 (assim como em 1948 e 1949) é confirmada, exaustivas tentativas para identificá-los têm sido totalmente inúteis. Igualmente, os esforços para confirmar as afirmações de Danley quanto a data e a localização da ocorrência também têm sido sem sucesso, a despeito de várias viagens de pesquisa que empreendemos até a área de Socorro, Magdalena e Datil. Para resumir tudo isso que Barnett falou, enquanto suas afirmações podem ser absolutamente verdadeiras, nossas tentativas para substanciá-las com provas e evidências têm sido repetidamente frustradas por uma acentuada falta de relatos comprobatórios adicionais.

De fato, considerando-se o que agora é conhecido sobre Barnett, parece possível que tenha sido uma testemunha dos eventos no rancho de Mac Brazel, já que a área em questão também fazia parte de seu raio de ação como técnico da Unidade de Conservação do Solo de Magdalena. De qualquer forma, a investigação sobre o caso Barnett parece ter chegado a um impasse sem solução e sem um futuro previsível. Ainda que possa parecer intrigante, os indícios que temos até aqui são insuficientes para sustentar uma conexão com os acontecimentos no rancho de Brazel. Tendo toda a pista visível sobre este caso levando a um aparente impasse, parece que o melhor a fazer é abandonar esta pesquisa, ainda que relutantemente, e colocá-la de lado até que surjam novos fatos que justifiquem sua reabertura.

---

## **CONCLUSÃO**

### **O TRABALHO CONTINUA**

Mais uma vez, para benefício dos céticos e no interesse do esclarecimento do complexo tema das quedas de UFOs, esta atitude não é uma tentativa de rejeitar o relato de Barnett, ou mesmo de sustentar que o fato não ocorreu. Estamos simplesmente dizendo que o caso neste instante chegou a um aparente beco-sem-saída e que, no momento, há insuficientes evidências para fundamentá-lo ou para justificar sua conexão ao resto do incidente de Roswell, conforme exposto acima. Ao mesmo tempo, admitimos francamente que as tentativas anteriores de ligá-lo ao evento de Roswell foram excessivamente prematuras. Enfim, os fatos estão aí: duas histórias de UFOs acidentados que são quase certamente um embuste e um outro caso, o do Roswell, sobre o qual o leitor é convidado a tirar suas próprias conclusões. Muito claramente, alguma coisa de fato aconteceu no rancho de Mac Brazel - e de suficiente importância para causar considerável rebuliço na ocasião e continuar sendo objeto de um efetivo acobertamento até a presente data (97). Uma dezena de pessoas identificaram o objeto visto na fazenda do homem como um engenho do espaço exterior. Por que o governo ainda não admite isso ainda é uma enorme interrogação. A nossa parte nisso tudo é fazer uma investigação imparcial, aprofundada e completa sobre a questão. Agora, cabe ao leitor tomar a decisão de crer ou não no que foi exposto.

---

## NOTAS DO TEXTO

### REFERÊNCIAS E COMENTÁRIOS

(01) Leonard Stringfield, em artigos publicados no *MUFON UFO Journal*: (a) *Retrievals of the Third Kind*, (b) *The UFO Crash/Retrieval Syndrome, Status Report II* e (c) *UFO Crash/Retrievals: Amassing the Evidence, Status Report III*. Todas estas obras podem ser obtidas diretamente com Stringfield, no endereço: 4412 Grove Ave, Cincinnati, OH 45227, EUA.

(02) Frank Scully, *Behind the Flying Saucers*, editora Holt & Company, Nova York, 1950.

(03) Frank Scully, *In Armour Bright*, editora Chilton, Nova York, 1963.

(04) William Steinman, endereço: 15043 Rosalita Drive, La Mirada, CA 90638, EUA.

(05) Solicitação de *sursis*, registros da Corte de Denver, Colorado, 1954.

(06) Em 1928, por exemplo, foi processado pelo empresário de Nova York, Camile Wiedenfeld, que acusava Newton de tê-lo fraudado em milhares de ações de uma companhia de gás encanado de Indiana. O caso foi resolvido no início de 1929.

(07) A data de 30 de outubro de 1930 é a que aparece no obituário do *New York Times*, em 1949.

(08) Em 8 de julho de 1931 foi preso em Nova York por ordem de prisão temporária de Montclair, Nova Jérsei. Em 5 de janeiro de 1932, acusado de extorsão. Em 23 de setembro de 1934, em Oneida, Nova York, teve 5 indicações criminais de roubo. Em 15 de julho de 1935, mais 2 acusações por falsidade ideológica, etc.

(09) Documentos homologados e arquivados no Cartório de Registros em Los Angeles.

(10) Idem, citação n° 5.

(11) Segundo sua esposa, a primeira data é a correta. A última, entretanto, é a aceita pelo FBI.

(12) Arquivos do FBI (BUFILE) n° 100-38029

(13) É possível que Newton e GeBauer tenham se conhecido antes do verão de 49, mas este autor não descobriu indícios neste sentido. Da mesma forma, a Sra. GeBauer afirma que a primeira vez que os dois se encontraram foi nesta ocasião, o que é confirmado pelos arquivos investigativos do FBI.

(14) Cahn e Swindlers, no local citado.

(15) Arquivos do FBI (BUFILE) n° 87-18780-12.

(16) Segundo a Sra. GeBauer, o nome "Dr. Gee" foi dado a GeBauer como uma espécie de tratamento amistoso pelo proprietário de uma empresa transportadora que veio a conhecê-lo bem.

(17) Idem, citação n° 14.

- (18) Idem, citação n° 14.
- (19) Entrevista em 1° de março de 1985, em Denver.
- (20) Idem, citação n° 2.
- (21) Idem, citação n° 2.
- (22) Entrevista com a Sra. GeBauer em 1° de março de 1985, segundo arquivos do FBI (BUFILE) n° 878-18780-12.
- (23) Arthur Constance, *The Inexplicable Sky*, editora Citadel, Nova York, 1956 (veja também *The AFRO Bulletin*, junho de 1980).
- (24) Idem, citação n° 2.
- (25) Idem, citação n° 2.
- (26) Idem, citação n° 2.
- (27) Arquivos do FBI (BUFILE) n° 87-18780-4.
- (28) Idem, citação n° 3.
- (29) Este Conrad não deve ser confundido com o falecido Michael Conrad, que atuava no seriado de TV Hill Street Blues até sua morte em 1984. O Mikel Conrad em questão desapareceu de Hollywood em 1955 e o seu paradeiro é atualmente desconhecido.
- (30) O ator Denver Pyle, atuou num papel secundário no filme de Conrad, *The Flying Saucer*, e descreveu este como "*um tipo extravagante, vistoso e bem apessoado, mas um tanto dissoluto*".
- (31) Documento da United Press International (UPI), de 13 de setembro de 1949.
- (32) Carta do tenente-coronel A. J. Hemstreet Jr., chefe da Divisão de Análise e Informação da Força Aérea, para J. E. Morrill, do 5° Distrito de Investigações Especiais, de 20 de setembro de 1949, sobre conferência realizada sobre o assunto em 16 de setembro de 1949.
- (33) Texto Scully Scrapbook, publicado no *Weekly Variety* de 12 de outubro de 1949.
- (34) Memorando escrito por J. G. Shiner, agente especial do 5° Distrito da OSI, de 18 de outubro de 1949, com referência ao telefonema do Sr. Bahn ao Pentágono na segunda-feira anterior, 17 de outubro, perguntando sobre McKnight e os 270 metros do filme.
- (35) Informe da investigação pelo agente especial James B. Shiley, da OSI, de novembro de 1949.
- (36) Publicado no *Hollywood Reporter* de 28 de outubro de 1949.
- (37) Curiosamente, as informações passadas por Newton inspirariam uma outra farsa: Scully, ao informar o que Newton tinha dito, descreveu o trem de aterrissagem dos UFOs como tendo três rodas como as bolas de vidro outrora comuns nos pés de pianos.

(38) É sabido que Newton aproximou-se do ator Howard Hill. Pevernell Marley, já mencionado, era o marido da conhecida atriz Linda Darnell. Newton, que usava do expediente de se dizer conhecido de pessoas importantes, afirmava abertamente conhecer muita gente famosa de Hollywood, entre eles Bob Hope, Mickey Rooney e até Jack Benny.

(39) Memorando do tenente-coronel Keefe, do 18º Distrito da OSI, ao Comando de Material Aéreo da Base Aérea de Wright-Patterson, datado de 1º de dezembro de 1949.

(40) O material extraído do inquérito especial dos arquivos da AF-CSI/IG, datados entre 13 de janeiro e 30 março de 1950.

(41) OSI do Texas, quartel-general: d.o. n° 14 & 17, de 13 de janeiro de 1950.

(42) Informe de investigação por J. B. Shiley, do OSI, de 14 de março de 1950, com cópia para o general comandante da Base Aérea de Wright-Patterson.

(43) Idem, citação n° 42.

(44) Biblioteca do Congresso, Divisão Periódica. Pesquisa realizada em Washington, em 1983.

(45) O pesquisador Bill Steinman até agora não descobriu nada no rumo da evidência palpável. Mesmo assim, ele ainda é da opinião de que houve um acidente em Hart Canyon, próximo à Aztec, e obstinadamente ignora ou rejeita todos os argumentos em contrários.

(46) Coral Lorenzen, ex-diretora da Aerial Phenomena Research Organization (APRO) e falecida há alguns anos.

(47) Mike McClellan, The UFO of 1948 is a Hoax, publicado na revista *Official UFO* de outubro de 76.

(48) Idem, citação n° 47.

(49) Idem, citação n° 47.

(50) Idem, citação n° 47.

(51) *Daily Times*, de Farmington, Novo México, de 17 de janeiro de 1982.

(52) Richard Ogden, *The Case for George Adamski Contacts With Flying Saucers*, editado pela UFOlogy Publications, de Seattle, Washington (sem data).

(53) Sra. Alice Scully, segundo W Steinman.

(54) Dr. Berthold Schwartz, *UFO Dynamics* (2 Vols.), editado pela Rainbow Books, EUA.

(55) Revista *Discover*, de outubro de 1980.

(56) De boletins meteorológicos publicados nas edições do *Journal* e do *Tribune*, ambos de Albuquerque.

(57) Charles Berlitz & William Moore, O Incidente em Roswell.

(58) Idem, citação n° 57.



- (59) Entrevista por telefone com Jesse Marcel, em julho de 1982.
- (60) Idem, citação n° 57.
- (61) Idem, citação n° 57.
- (62) Continuação da entrevista com Frank Joyce, em julho de 1982.
- (63) Idem, citação n° 57. Notar que Mac Brazel não possuía um trator à época, apenas uma camionete.
- (64) William Moore, *O Incidente em Roswell: Atualização & Conclusões* (obra não publicada no Brasil).
- (65) Idem, citação n° 64.
- (66) Idem, citação n° 57.
- (67) Entrevista com Stanton Friedman, em fevereiro de 1984.
- (68) Idem, citação n° 67.
- (69) Idem, citação n° 57.
- (70) Idem, citação n° 57.
- (71) Idem, citação n° 57.
- (72) Entrevista com Roberts Winter, em 1981.
- (73) Idem, citação n° 64.
- (74) Memorando de D. M. Ladd, do FBI, a E. G. Fitch, datado de 10 de setembro de 1947. Assunto: Discos Voadores, com adendo escrito por Hoover ao pé da página 2.
- (75) Caso Shreveport, Louisiana, nos arquivo do FBI (BUFILE) n° 62-83891-3 (ou 13). Caso Los Angeles, Califórnia, n° 62-83891-24.
- (76) *Washington Post*, 9 de julho de 1947.
- (77) Idem, citação n° 76, de 10 de julho.
- (78) *Daily Record*, de Roswell, de 9 de julho de 1947: Harrassed rancher...Sorry he told about it.
- (79) Bill & Shirley Brazel; Lorrene Ferguson; Floyd & Sra. Proctor; Bessie Schreiber; W. Whitmore Jr.; Frank Joyce; Clint Sultemeier; Paul Brazel; Lyman & Sra. Strickland; e Ernest Dishman.
- (80) William Moore, *The Roswell Investigation: New Evidence* (obra não publicada no Brasil).
- (81) Entrevistas pessoal e telefônica com Rickett, realizadas em março e junho de 1983 (Moore), e em fevereiro de 1984 (Friedman).

- (82) Loren Gross, *UFOs: A history*, publicado particularmente pelo autor (data desconhecida).
- (83) Data ilegível, possivelmente 5 de setembro de 1947, quartel-general da Força Aérea em Washington (FBIN-CQ. liberado em 27 de setembro de 1977).
- (84) Vallejo, Califórnia, *New Chronicle* de 1º de setembro de 1950.
- (85) Entrevista realizada em maio de 1982. Note também que a KSWB e a KOAT eram ambas estações da Rio Grande Broadcasting System, de Merle Tucker, com a KOAT como a emissora principal do grupo.
- (86) Entrevista telefônica em 10 de março de 1979.
- (87) Biblioteca independente Harry S. Truman, Missouri. Arquivo nº T-5.
- (88) Idem, citação nº 57.
- (89) *UFOs: Uncovering the ultimate answer*, sem dados sobre editora e data.
- (90) Carta de Sarbacher a Willian Steinman, de 29 de novembro de 1983.
- (91) Entrevista com Stanton Friedman em fevereiro de 1984.
- (92) Idem, citação nº 90.
- (93) Veja o memorando ultra-secreto de W. B. Smith ao Departamento de Transporte Canadense, de 21 de novembro de 1950, citado em *Ultimate answer* (citação nº 89).
- (94) O médico é conhecido nas altas-rodas da Ufologia como Dr. C, e não permitiu que se usasse seu verdadeiro nome. Entrevista realizada em 4 de junho de 1982.
- (95) Idem, citação nº 57.
- (96) Idem, citação nº 64.
- (97) Idem, citação nº 64.

# O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE OS UFOs

O fenômeno dos discos voadores é tão antigo quanto nossa história sobre o planeta Terra. Desde os tempos mais remotos existem registros de observações de naves extraterrestres e contatos com seus tripulantes. Porém, foi a partir da década de 40 que o Fenômeno UFO passou a manifestar-se mais intensamente. As observações destas naves têm sido registradas em praticamente todos os países do mundo, com uma distribuição geográfica uniforme. Igualmente, os contatos diretos com seus tripulantes, chamados de *ufonautas*, têm ocorrido com bastante regularidade. Hoje, estima-se em algo perto de 3 milhões as observações de discos voadores, registradas oficialmente pelas forças armadas de mais de 120 países. Desse total, mais de 90 mil são contatos com naves pousadas no solo e com os seres que as tripulam.

A matéria é tão extensa que já se pesquisa esse assunto cientificamente há 4 décadas, a nível civil e militar, através da disciplina denominada *Ufologia*, que já reúne milhares de pessoas em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, existem pelo menos 100 organizações civis dedicadas ao assunto, totalizando cerca de 3 mil pesquisadores. Estas entidades organizam congressos e eventos onde o público tem acesso às informações. Entre essas organizações está o **Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)**, a maior entidade brasileira e mundial de Ufologia e responsável pela *Revista UFO*, que por sua vez é a única publicação do gênero existente em nosso país. Os arquivos do CBPDV contém cerca de 10 mil relatórios de observações ufológicas e contatos ocorridos no Brasil e exterior.

## COMO SÃO OS CONTATOS IMEDIATOS



*O CBPDV classificou os contatos com UFOs e seus tripulantes em 6 categorias, baseado no nível de interação entre o fenômeno UFO e o observador.*

● **Contato Imediato de Zero Grau (CI-0):** este tipo de contato é a simples observação do UFO à grande distância, durante a noite, quando é brilhante, ou durante o dia, quando apresenta superfície metálica.

● **Contato Imediato de Primeiro Grau (CI-1):** neste tipo de contato a observação é realizada à distância menor, tanto de dia quanto a noite, quando se pode definir detalhes do UFO, tais como janelas, pontos de luz, anexos, etc.

● **Contato Imediato do Segundo Grau (CI-2):** quando o UFO pousa no solo ou sobrevoa algum local, geralmente deixando sinais de

sua passagem (vegetação queimada, fragmentos, perturbações em pessoas e animais etc).

● **Contato Imediato de Terceiro Grau (CI-3):** quando há a observação de tripulantes do UFO, dentro ou fora dele, sem, no entanto, comunicação com o observador.

● **Contato Imediato de Quarto Grau (CI-4):** quando há observação de tripulantes e se manifesta algum tipo de comunicação entre estes e seus observadores (falada, gesticulada ou telepática).

● **Contato Imediato de Quinto Grau (CI-5):** o contato mais profundo com extraterrestres, quando o observador entra no UFO, voluntariamente ou não, o que é conhecido na Ufologia por "abdução".

O **Centro Brasileiro de Pesquisas de Discos Voadores (CBPDV)** é uma organização científica, sem finalidades lucrativas ou políticas, essencialmente aberta à participação de interessados. Para obter maiores informações sobre o fenômeno ufológico assinar a *Revista UFO* ou filiar-se ao CBPDV, escreva para nós:



Caixa Postal 2182  
79008-970 Campo Grande (MS)  
Fone (067) 384-3921.